

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

KARLA GISELLE RODRIGUES DA SILVA

A SABEDORIA E O ENSINO EM PROVÉRBIOS:
UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL
A PARTIR DE PROVÉRBIOS 6,20-23

GOIÂNIA

2021

KARLA GISELLE RODRIGUES DA SILVA

A SABEDORIA E O ENSINO EM PROVÉRBIOS:
UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL
A PARTIR DE PROVÉRBIOS 6,20-23

Dissertação apresentada ao Curso de
Mestrado em Ciências da Religião da Escola
de Formação de Professores e Humanidades,
Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*
da Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Professor Orientador: Dr. Valmor da Silva

GOIÂNIA

2021



**PUC
GOIÁS**



**A SABEDORIA E O ENSINO EM PROVÉRBIOS: UMA PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL A PARTIR
DE PROVÉRBIOS 6,20-23**

**Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia
Universidade Católica de Goiás, aprovada em 30 de agosto de 2021.**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás

Documento assinado digitalmente



Marcelo Maximo Purificacao
Data: 30/08/2021 19:19:14-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação / UNIFIMES

Profa. Dra. Rosemary Francisca Neves Silva / PUC Goiás

Prof. Dr. Joel Antônio Ferreira / PUC Goiás

Prof. Dr. Lizandro Poletto / UNIFAN

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a todos os que me ajudaram em minha trajetória acadêmica, de maneira especial ao meu Orientador Professor Dr. Valmor, um ser iluminado, que com sua sabedoria, paciência e empatia me ajudou nesta jornada acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus.

Aos meus queridos pais pelo dom da vida.

Ao meu esposo pelo apoio.

Ao Colégio Externato São José pelo incentivo.

RESUMO

SILVA, Karla Giselle Rodrigues da. *A sabedoria e o ensino em provérbios: uma perspectiva de Educação Socioemocional a partir de Provérbios 6,20-23*. f. 67 Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2021.

Esta dissertação tem como objetivo evidenciar os significados amplos do texto de Provérbios 6,20-23 e desvendar se existem princípios consistentes de uma proposta educativa socioemocional apresentada nesta parte da literatura sapiencial do Antigo Testamento. Explicar as estruturas maiores da literatura de sabedoria no contexto do antigo Oriente Próximo. Investigar de forma compreensiva através da exegese e da hermenêutica o texto de Provérbios 6,20-23. Traçar um paralelo entre a educação apresentada em Provérbios 6,20-23 e um modelo de educação contemporânea, a educação socioemocional. A educação socioemocional é o processo de adquirir e praticar habilidades de reconhecimento e regulação emocional, de relacionamento interpessoal e de atitudes de cuidado ao outro. O grande desafio que temos atualmente é investir nas competências cognitivas/acadêmicas e também nas competências socioemocionais.

Palavras-Chave: Educação socioemocional. Ensino. Provérbios. Sabedoria.

ABSTRACT

SILVA, Karla Giselle Rodrigues da. *Wisdom and Teaching in proverbs: A perspective of socio-emotional education from Proverbs 6,20-23. f.67* Master's Dissertation in Science of Religion. Pontifical Catholic University of Goiás, 2021.

This dissertation aims to highlight the broad meanings of the text of Proverbs 6,20-23 and unravel if there are consistent principles of a socio-emotional educational proposal presented in this part of the Old Testament sapiential literature. Explain the major structures of wisdom literature in the context of the ancient Near East. Comprehensively investigate through exegesis and hermeneutics the text of Proverbs 6,20-23. Draw a parallel between the education presented in Proverbs 6,20-23 and a model of contemporary education, socio-emotional education. Socio-emotional education is the process of acquiring and practicing emotional recognition and regulation skills, interpersonal relationships and caring attitudes towards others. The big challenge we currently have is to invest in cognitive/academic skills and also in socio-emotional skills.

Keywords: Socio-emotional. Education. Teaching. Proverbs. Wisdom.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PROVÉRBIOS 6,20-23: EXEGESE E PONTE PARA A EDUCAÇÃO FAMILIAR E SOCIOEMOCIONAL	15
1.1 Exegese de textos sagrados.....	15
1.2 Hermenêutica de textos sagrados.....	17
1.3 Exegese de Pr 6,20-23.....	18
1.4 Uma análise histórica: os conselhos da sabedoria para a resolução de conflitos.....	26
2. A SABEDORIA: CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOLITERÁRIO DE PROVÉRBIOS	31
2.1 Provérbios: Socioliterário de sua composição.....	31
2.2 Caminhos da sabedoria em provérbios.....	35
2.3 Família, clã e tribo: esferas do ensino de sabedoria.....	38
2.4 O livro de Provérbios: composição e estrutura.....	39
3. A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA BNCC APLICADA EM PROVÉRBIOS 6,20-23	41
3.1 O ambiente familiar e suas competências emocionais.....	50
3.2 O ambiente escolar e suas competências emocionais.....	54
CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Ser professora de Linguagens e códigos me proporcionou ter uma grande liberdade nas diversas esferas da linguagem informal à modalidade formal, que algumas situações exigem dentro e fora do ambiente escolar.

Esses conhecimentos me possibilitaram a mobilizar e ampliar recursos expressivos, para construir sentidos com o outro em diferentes campos de atuação, e compreender como o ser humano se constitui como sujeito e como age no mundo social em interações mediadas por palavras, imagens, sons, movimentos e gestos.

Quando iniciei a pesquisa sobre a perspectiva da educação socioemocional em Provérbios 6,20-23, em 2019, nunca imaginaria que no ano seguinte enfrentaríamos uma pandemia, a qual traria às famílias uma convivência intensificada – em termos de tempo cronológico, mas também de intensidade – trazendo algumas marcas para as relações interpessoais, obrigando inúmeras famílias a conhecer e reconhecer seus filhos.

O impacto da pandemia no cotidiano das famílias foi e está sendo muito penoso. As emoções estão, há mais de um ano, à flor da pele e, ao mesmo tempo, estamos ficando mais intolerantes ao lidar com tantas perdas e inseguranças. Descobrimos a intensidade dos sentimentos que não conhecíamos de nós mesmos e também daqueles que vivem conosco.

A partir dessa nova realidade, a educação institucionalizada passou a ser uma responsabilidade da família, o acúmulo de funções dobrou, e voltamos à realidade cotidiana da vida dos antigos clãs, narrados nas Escrituras, do mais simples hebreu às grandes narrativas patriarcais citadas na Bíblia sagrada.

Ficar em confinamento e passar mais tempo em casa não faz parte dos hábitos comuns da sociedade contemporânea, especialmente para as novas gerações. Entretanto, os cuidados para evitar a transmissão do coronavírus diante de uma pandemia, nos colocaram diante dessa realidade necessária.

As famílias intensificaram o tempo de convivência no lar e surgiram as dificuldades no relacionamento entre pais e filhos. Foi e está sendo um grande

desafio lidar com crianças e jovens adoecidos emocionalmente por causas psicossociais. A ansiedade, o déficit de atenção, hiperatividade e as doenças psicossomáticas crescem na sociedade contemporânea.

E as perguntas que surgem são sobre quais referências de ensino podem servir para contribuir com a superação dessa nova realidade nas escolas? Estamos preparados para uma geração doente emocionalmente? A superproteção dos filhos pode gerar ansiedade e insegurança?

Muitos desses conflitos vêm pelas pressões internas ao ser humano e outros pelas externas, efetuadas pelos conflitos vigentes, seja pelo viés político-econômico, cultural, religioso ou pandêmico.

Pensando nesse contexto de adoecimento e conflitos vivenciados no ambiente escolar e, a partir dos estudos de literatura sagrada e religião, foi possível conciliar os provérbios bíblicos, especificamente a perícopes de Pr 6,20-23, e construir uma ponte comparativa com a educação contemporânea.

Propomos, nesta pesquisa, um diálogo entre os textos sagrados de Provérbios, em destaque a perícopes de Provérbios 6,20-23 e os indícios de uma proposta educativa formadora com elementos socioemocionais.

A nossa motivação inicial partiu da conexão feita por Goleman (1999) na obra Inteligência emocional. Ele afirma que dentro das mais diversas tradições religiosas, os grandes mestres espirituais tocaram o coração dos seus jovens discípulos, falando na linguagem da emoção, ensinando por parábolas, fábulas e contos. Estes mestres espirituais falam sobre a formação do coração, onde existe uma ponte entre cognição e afeto.

Pensando nesse contexto, conseguimos fazer uma analogia com a proximidade da conduta religiosa e educativa nas tradições religiosas narradas nas escrituras sagradas. Enganam-se aqueles que pensam que a Bíblia tem apenas o propósito de falar das coisas além da vida. Sem dúvida esse tema existe, mas ele não é o único.

Os textos da literatura sagrada, dos quais destacamos os escritos de sabedoria, foram desenvolvidos por boa parte do Antigo Testamento, são trechos que têm um propósito de ensinar o ser humano a viver plenamente neste mundo.

Não apenas uma vida qualitativa, mas um desejo ávido que envolva os aspectos qualitativos e de saúde integral.

Esta literatura de sabedoria desenvolvida no Antigo Testamento tem uma relação direta e forte com a observação dos mandamentos transmitidos pelos pais e mães aos filhos. Essa proposta fica clara no livro de Provérbios, do qual destacamos o recorte hermenêutico e exegético de Provérbios 6,20-23 nesta dissertação.

O livro de Provérbios trata de questões diversas da vida cotidiana, como a criação de filhos, a lida com finanças, a sexualidade, usar as palavras de maneira correta, desenvolver atitudes emocionais corretas em relação às outras pessoas, à natureza e ao Criador. Mas sempre de maneira prática e na qual o Deus-Criador esteja presente.

Temos como objeto de análise o texto de Provérbios 6,20-23 que contém diversas representações de ideias e papéis educativos descritos, neste texto bíblico veterotestamentário.

Nossa investigação visou descobrir os significados amplos do texto e desvendar uma proposta educativa apresentada em Provérbios 6.

Como desdobramento desse objetivo principal, traçamos um paralelo entre a educação apresentada em Provérbios 6,20-23 e um modelo de educação contemporânea, a educação socioemocional, que será importante para fortalecer os vínculos nesse novo “normal” motivado pela situação pandêmica.

Nosso problema é a busca da compreensão exegética dos elementos sociais, conflituais, teológicos e pedagógicos contidos em Provérbios 6,20-23; bem como a percepção de toda tensão que existe entre os papéis sociais de pais, mães e filhos nesse texto bíblico e também investigamos qual seria este tipo de proposta educativa apresentada na redação final do texto sagrado.

Entendemos que os provérbios eram usados como forma de educar os mais jovens, a maioria de uma classe social mais alta e meninos, a perceber o mundo real a sua volta.

Nessa perspectiva, nossa hipótese é que os elementos de uma proposta de educação apresentada em Provérbios 6,20-23 se assemelham com o tipo de educação socioemocional defendida por educadores na atualidade e vivenciada

por milhares de famílias obrigadas a ficar em casa por causa de uma pandemia. As competências sociais e emocionais foram essenciais na relação com o outro, com o espaço, seja virtual ou presencial.

Para atingir estes objetivos de uma análise densa (GEERTZ, 2001) deste texto religioso fizemos uso de uma teoria-metodológica diversa. Tendo a exegese fenomenológica como a nossa referência fundamental, enquanto arte investigativa e ciência, usamos diversos métodos de investigação de forma complementar; a saber, a perspectiva de sabedoria como um caminho (SILVA, 2018), a exegese pelo método histórico-crítico (WEGNER, 1998), as evidências de tensão no texto pelo método sócio-conflitual (FERREIRA, 2009) e a visão da Bíblia como literatura (GOTWALD, 2011) na investigação das diversas nuances literárias do texto hebraico de Provérbios 6.

No primeiro capítulo, realizaremos a exegese do texto, propriamente dita. Buscamos compreender todo o processo de crítica textual, literária, redacional, histórica e de contexto vital de Provérbios 6,20-23 pelo método histórico-crítico (WEGNER, 1998) e pelo método conflitual (FERREIRA, 2009), de forma complementar.

No segundo capítulo, faremos uma análise mais ampla de todos os contextos maiores de Provérbios, como a literatura sapiencial no Antigo Testamento e similar nas culturas de diversos povos do antigo Oriente Próximo. Sobretudo, a perspectiva da sabedoria como um caminho de ensino da vida (SILVA, 2018; WALTKE, 2015) orienta este capítulo e toda a amplitude da sabedoria como gênero literário e como ensino ético-espiritual para a formação libertadora do ser humano. Essa análise mais ampla é fundamental para que se compreenda toda a produção cultural e a teologia em que o texto de Pr 6 está inserido.

Na última parte, construiremos uma relação conceitual entre elementos encontrados na sabedoria do ensino de Pr 6,20-23 e uma proposta de educação socioemocional que existe na atualidade, como forma de resgate da saúde emocional de jovens (filhos, na linguagem de Provérbios) adoecidos emocionalmente pré e pós pandemia. Esta seria a nossa proposta de superação psicossocial apresentada nesta dissertação.

Entendemos que para a compreensão exegética do texto específico de Provérbios 6,20-23, primeiramente é necessária uma análise ampla de todas as estruturas maiores que o cercam, seus contextos histórico, sócioliterário e da estrutura composicional do livro como um todo. Passemos a esta investigação exegética.

1 PROVÉRBIOS 6,20-23: EXEGESE E PONTE PARA A EDUCAÇÃO FAMILIAR E SOCIOEMOCIONAL

Ao longo dos séculos, estudiosos usaram técnicas para interpretar os ditos escritos sagrados. Muitas são as religiões que possuem escritos inspirados, por uma ou mais divindades. Os escritos sagrados, chamados por estas religiões são um pouco ou quase na sua totalidade as normas que os adeptos seguidores devem viver e colocar em prática no dia a dia. Esses religiosos/estudiosos chamados de sacerdotes, líderes, gurus, magos e outros, usaram como ferramentas a hermenêutica ou mesmo a exegese.

Para os nossos estudos usaremos a exegese como forma de interpretação dos nossos escritos da Bíblia Hebraica, bem como da hermenêutica, a fim de estabelecer o vínculo interpretativo com a realidade atual da educação socioemocional.

1.1 Exegese de textos sagrados

A exegese sempre foi usada para o entendimento dos textos sagrados, tanto pelos judeus como para os cristãos. Usavam para o correto entendimento dos escritos sagrados.

Encontramos em muitos manuais, livros e artigos, conceitos de hermenêutica e exegese como se fossem a mesma coisa. Mas não são. A hermenêutica analisa não somente o texto, mas também o contexto, e a exegese tem a função de dar clareza ao texto, extrair do texto aquilo que ele significa de forma literal.

Segundo Dicionário Online (2021) a exegese é

a análise, explicação ou interpretação de uma obra feita de maneira cuidadosa; Comentário cujo propósito é esclarecer ou interpretar detalhadamente um texto, uma expressão ou uma palavra. Etimologia (origem da palavra **exegese**). Do grego *exégésis*.

Para Kaiser Jr e Silva (2002, p.17) a exegese é “[...] análise cuidadosa e detalhada do texto”.

Berger (1999) e Wegner (1998) relatam o tema da exegese de forma científica e próxima ao estudioso dos livros sagrados.

Para Berger (1999, p.91) a exegese é

[...] o acesso científico-descritivo ao texto [...] a exegese é o acesso científico-descritivo ao texto. Os critérios são a totalidade dos métodos filológicos e históricos e a veracidade intersubjetiva ligada a eles.

Uwe Wegner, em sua obra Exegese do Novo Testamento (1998) descreve os métodos de exegese: Método Estruturalista, Método Histórico-Crítico e Método Histórico-Gramatical. Cada um desses métodos ajuda os estudiosos dos escritos sagrados a fazerem a devida interpretação.

Nestes três métodos, Wegner (1998, p. 12-15) afirma que a exegese tem três importantes tarefas:

A primeira tarefa da exegese é aclarar as situações descritas nos textos, ou seja, redescobrir o passado bíblico de tal forma que o que foi narrado nos textos se torne transparente e compreensível para nós que vivemos em outra época e em circunstâncias e culturas diferentes. [...] A segunda tarefa da exegese é permitir que possa ser ouvida a intenção que o texto teve em sua origem. [...] A terceira tarefa da exegese é verificar em que sentido opções éticas e doutrinárias podem ser respaldadas e, portanto, reafirmadas, ou devem ser revistas e relativizadas.

A importância da exegese bíblica consiste na compreensão mais exata do texto bíblico e na vivência do mesmo. A exegese bíblica desperta para a consciência crítica dos textos bíblicos. Ela é uma luz para a interpretação e análise dos escritos sagrados.

Faremos neste primeiro tópico do nosso estudo uma análise crítica do texto hebraico de Pr 6,20-23. Esse primeiro passo, exegético, consiste em decifrar o significado de uma breve perícopé bíblica, especificamente do contexto sapiencial, no livro de Provérbios, com relação ao tema da instrução ou ensino relativo a filhos, filhas ou discípulos, discípulas. Considera-se que “hermenêutica e exegese devem juntas ajudar a interpretar a mensagem na busca pela fidelidade ao texto” (LARA, 2009, p. 33). Elas constituem dois aspectos da mesma interpretação textual. Porém

enquanto duas ciências distintas, elas podem ser separadas, não só didaticamente, mas também enquanto óticas diferenciadas de leitura, uma olhando mais para o passado do texto, outra mais para sua aplicação.

No passo seguinte, faremos a hermenêutica, isto é, a aplicação dessa mesma períclope, como fonte de inspiração para a educação socioemocional. Tendo explicado o conceito de exegese, passamos, introdutoriamente, à explicação teórica de hermenêutica.

1.2 Hermenêutica de textos sagrados

Embora os textos sagrados sejam considerados orientação para a vida, norma ética de comportamento, e divinamente inspirados, portanto, palavra de Deus; eles são, simultaneamente, literatura, poesia e, portanto, palavra humana. Num e outro sentido, eles precisam ser interpretados.

Nas palavras de Lourenço (2001, p. 41),

Toda e qualquer abordagem que façamos à Sagrada Escritura implica sempre uma 'leitura' da mesma, uma 'busca de sentido' que não se limita ao texto em si, envolvendo também a pessoa do leitor, quer ele seja crente ou não, embora no caso de o ser isso ainda assume mais relevância na medida que pressupõe uma releitura em ordem a uma vivência orientada.

A essa leitura ou busca de sentido, dá-se o nome de hermenêutica. Numa definição simples, Wegner (1998, p. 399) dicionariza: "hermenêutica bíblica (grego *hermeneuein* = traduzir, interpretar, explicar) Ciência que estuda os princípios que regem a interpretação de textos bíblicos". Hermenêutica é uma ciência, mas também uma arte, segundo o seu sentido original (GRONDIN, 2012, p. 17-18). Com efeito, Hermes, na mitologia grega, era o deus encarregado da comunicação entre deuses e dos deuses para os humanos. Daí ser ele o hermeneuta ou intérprete dos deuses por excelência. Além da função de Hermes, costuma-se relacionar o seu nome com a arte interpretativa, embora essa relação etimológica seja duvidosa (SCHMIDT, 2012, p. 18).

"Sendo procura de sentido, a Hermenêutica bíblica é também um meio e um processo de atualização desse sentido, da sua compreensão e da sua aplicação,

tanto eclesial como individual” (LOURENÇO, 2001, p. 41). Ao aplicar o texto para determinada situação atual, faz-se a sua atualização. “A tarefa da atualização é construir uma ponte entre o significado do texto no passado e sua relevância para os dias atuais” (WEGNER, 1998, p. 310).

Essa ponte é que a presente dissertação propõe, entre o texto bíblico de Pr 6,20-23 e a sua relevância para a atual educação socioemocional.

1.3 Exegese de Pr 6,20-23

Pr 6,20-23 faz parte da primeira coleção do livro de Provérbios, que compreende os nove primeiros capítulos (Pr 1-9). Esses capítulos são reconhecidos como uma espécie de prefácio às demais coleções do livro. De fato, se considerarmos, com a maioria de comentários, Provérbios não é obra de um autor, mas sim coletânea de provérbios, ditos e citações de épocas e autorias diversas, com base, sobretudo, em tradições orais. Essa primeira coleção na ordem canônica (Pr 1-9) seria a última em ordem cronológica, organizada, justamente, para ser a coleção inaugural. Provérbios se compõe de nove coleções, como organiza a *Bíblia de Jerusalém* (2012).

A perícopes em análise, Pr 6,20-23 classifica-se no gênero instruções e advertências. Tal gênero, por sinal, domina toda a coleção de Pr 1-9. “O gênero instrução se caracteriza pelo uso de imperativos, mediante os quais o mestre de sabedoria ordena, persuade e exorta” (MORLA, 2011, p. 14).

Em seu contexto menor, no capítulo 6 de Provérbios, a perícopes se situa, igualmente, numa ampla diversidade de temas, dominados pelo gênero instrução, como conselhos de pai para filho, com a expressão “meu filho” no início do capítulo (6,1) e, novamente, “meu filho” no início da perícopes (6,20). “Meu filho”, seguido de verbo no imperativo, é frequente no contexto dessa coleção (Pr 1-9).

Quatro poemas precedem a perícopes em questão, conforme subdivisão da *Bíblia de Jerusalém* (2012): sobre a fiança imprudente (Pr 6,1-5), sobre o preguiçoso e a formiga (Pr 6,6-11), sobre o insensato (Pr 6,12-15) e sobre sete coisas abomináveis (Pr 6,16-19). Sem aparente conexão com os assuntos anteriores, a perícopes se abre como continuação do discurso paterno e materno,

para alertar sobre a importância dos preceitos (Pr 6,20-23), concentrando-se, em seguida, nas advertências contra a mulher adúltera (Pr 6,24-35). Dada essa ausência de vínculo explícito com o contexto, por sinal característica de Provérbios, a análise se concentra sobre os quatro versículos como uma unidade literária autônoma.

Começamos pela transcrição do texto hebraico de Pr 6,20-23, conforme a Bíblia Hebraica de Leningrado, do Programa *Bibleworks*:

²⁰נֹצֵר בְּנֵי מִצְוֹת אֲבִיךָ וְאַל-תִּטֹּשׁ תּוֹרַת אִמְךָ:
²¹קִשְׂרָם עַל-לִבְךָ תְּמִיד עָגֹם עַל-גְּרוֹרְתֶךָ:
²²בְּהִתְלַקְּחָהּ תִּנְחָה אֶתְךָ בְּשִׁכְבְּךָ תִּשְׁמַר עֲלֶיךָ וְהִקְיִצֹתָ הִיא תִּשְׁיֹחַ
²³כִּי גַר מִצְוָה וְתוֹרָה אֹר וְדֶרֶךְ רָאִים תּוֹכְחוֹת מוֹסָר:

Vejamos a tradução literal de Provérbios 6,20-23. A tradução literal procura manter a máxima fidelidade possível ao texto hebraico, respeitando a ordem das palavras e o seu significado. Entre colchetes mantemos as expressões que, graficamente, não existem em hebraico, por se tratar de uma língua semítica, mas que devem ser compreendidas conforme o idioma português. Destacamos, também, entre parênteses, a transliteração dos termos chave hebraicos, que serão comentados adiante:

²⁰Cuida, meu filho, [do] preceito (*miṣṣ^ewah*) [de] teu pai, e não esqueças a instrução (*torah*) [de] tua mãe.
²¹Liga-as sobre teu coração (*leb*) continuamente, amarra-as sobre teu pescoço (*gar^egarot*):
²²em teu andar (*hilk*), conduzirá a ti; em teu deitar (*škb*), guardará sobre ti; e despertarás (*qyṣ*), ela te sugerirá.
²³Pois lâmpada é o preceito (*miṣṣ^ewah*), e a instrução (*torah*) [é] luz, e caminho de vida as exortações da disciplina (*musar*).

A perícopé não possui maiores dificuldades textuais ou de compreensão, por isso as modernas traduções não diferem, substancialmente, do texto original. A título de exemplo, citamos a tradução da *Bíblia de Jerusalém* (2012):

²⁰Meu filho, guarda os preceitos de teu pai, não rejeites a instrução de tua mãe.
²¹Leva-os sempre atados ao coração e amarra-os ao pescoço:
²² quando caminhares, te guiarão; quando descansares, te guardarão; quando despertares, te falarão.
²³Pois o preceito é uma lâmpada, e a instrução é uma luz,

e é um caminho de vida a exortação que disciplina.

Evidencia-se que estes quatro versículos de Provérbios 6,20-23 tratam do tema da instrução dos filhos. O assunto se estende por vários provérbios, mas aqui se encontra entre o elenco das sete coisas abomináveis (Pr 6,16-19) e as recomendações contra a mulher má, na sequência dos textos (Pr 6,24-35).

A conexão com o contexto anterior poderia ser observada na recomendação relativa à vida familiar, na relação entre irmão e filho. O Senhor detesta “o que semeia discórdia entre irmãos” (v. 19) e “Meu filho, guarda os preceitos...” (v. 20). Já a conexão com o contexto seguinte, possui um elo literário nos verbos cuidar e guardar, dois sinônimos. “Meu filho, cuida (*nšr*) do preceito de teu pai” (v. 20) e “Eles te guardarão (*šmr*) da mulher má” (v. 24).

Passemos à análise crítica-textual do versículo 20:

²⁰ Cuida, meu filho, [do] preceito (*miš^ewah*) [de] teu pai,
e não esqueças a instrução (*torah*) [de] tua mãe.

O verbo traduzido como cuidar (v. 20, em hebraico *nšr*) tem o significado de observar, cuidar, guardar, proteger, preservar, seguir (mandamentos), manter armazenado ou em reserva (KIRST, 1989, p. 160). Já o verbo guardar (v. 24, em hebraico *šmr*) significa guardar, proteger; cuidar, observar, conservar, manter; vigiar; reter; reverenciar (KIRST, 1989, p. 257).

O estilo exortativo chama a atenção no texto. O filho é exortado a seguir as orientações da sabedoria como caminho de vida, evitando, assim, o caminho do mal. A exortação “meu filho” pode referir-se à relação familiar, mas também à relação entre mestre e discípulo. Ambas não se excluem, uma vez que a educação é um processo afetivo, além de ser intelectual. Ela envolve sempre a relação emocional, por isso, o provérbio designa o discípulo como filho. E inclui, especialmente, a mãe. Essa relação se repete indefinidamente no livro de Provérbios.

Assim as expressões “teu pai” e “tua mãe”, na função de mestres, também inúmeras vezes repetidas em Provérbios, podem se referir tanto à unidade familiar quanto a verdadeiros títulos de “pai” e “mãe” dados aos mestres (PERDUE, 2011, p. 150).

Assim como “teu pai” e “tua mãe” estão em paralelo, todo o versículo é construído sobre a técnica literária do paralelismo. Também estão em paralelo o preceito (*miš^ewah*) do pai e a instrução (*torah*) da mãe. Nesse sentido, são sinônimos e designam a mesma função para o pai e para a mãe. Embora possam ser termos técnicos, em outras passagens, principalmente na *torah*, aqui designam as instruções em geral:

O texto hebraico não reserva palavras diferentes para cada ensinamento parental. Outra menção ao ensinamento da mãe (1,8) fala da *torah* dela, mas ao pai também se aplica falar a *torah* (3,1; 4,2; 7,2) assim como *miš^wot*. O ensino da mãe pode incluir *musar*, pois Pr 31,1 diz que a mãe de Lamuel *yiss^srattu* ‘instruiu-o’ quer dizer, ensinou-lhe *musar* (ambas palavras são da raiz *y-s-r*). (FOX, 2000, p. 228).

Nota-se que estão em paralelo também as duas recomendações “cuida” e “não esqueças”, ambas em imperativo, uma afirmativa e outra negativa. Outro provérbio aproxima ainda mais o paralelismo com este em análise:

Meu filho, não esqueças minha instrução (*torah*)
Guarda (*nš^r*) no coração os meus preceitos (*miš^swot*) (Pr 3,1).

Destacamos que os verbos cuidar (*nš^r*) e guardar (*š^mr*) também podem significar tanto preservar quanto proteger do perigo. No contexto da sabedoria, referem-se à confiança e à observância, como o provérbio bem ilustra. Outras aplicações semelhantes se encontram em Pr 3,1.21; 4,6.13; 28,7 (WALTKE, 2004, p. 226).

Outro detalhe significativo é que os verbos cuidar e esquecer estão em paralelo tanto em Pr 6,20 como em Pr 3,1, e se referem, naturalmente, à memória. “Cuidar” é a formulação positiva, enquanto “não esquecer” é uma negativa e equivale a lembrar. Esquecer significa abandonar, e se refere, no caso, a deixar de seguir a instrução sapiencial. Noutro provérbio é associada a não esquecer a aliança (Pr 2,17).

Cabe destacar, com não menos atenção, o paralelismo entre “de teu pai” e “de tua mãe”, que vincula os ensinamentos do pai com os da mãe. No processo de formação familiar, a função materna adquire importância primordial. Outros textos

bíblicos ilustram essa realidade. No início do livro de Provérbios, a recomendação que abre as instruções, assemelha-se ao que estamos analisando:

Escuta, meu filho, a disciplina (*musar*) do teu pai,
não desprezes a instrução (*torah*) da tua mãe (Pr 1,8).

Passemos à análise do versículo Pr 2,21:

²¹Liga-as sobre teu coração (*leb*) continuamente,
amarra-as sobre teu pescoço (*gar^egarot*):

Após a chamada de atenção inicial, sobre o preceito do pai e a instrução da mãe (v. 20), a recomendação atual especifica um modo prático para a execução, através da metáfora do amuleto de proteção. Para que a orientação seja seguida continuamente, ela deve ser dependurada ao pescoço, como uma corrente com um amuleto de proteção, para ser mantido próximo ao coração (FOX, 2000, p. 228-229).

Novamente o provérbio é construído sobre a técnica literária do paralelismo. “Amarrar” é sinônimo de “ligar”, assim como “coração” é paralelo a “pescoço”.

Essa sentença é particularmente interessante para a nossa temática, porque envolve o interior da pessoa, representado pelo coração, e o seu exterior, figurado pelo pescoço. No órgão denominado coração, vai ainda a associação entre racionalidade e afetividade, como comentado em seguida.

O termo coração aparece dezenas de vezes na Bíblia de maneira especial no Antigo Testamento. O coração é o centro da vida humana, simboliza a essência do ser humano. Na antropologia bíblica, o coração é o órgão das decisões, o que inclui o aspecto afetivo e também o racional (WOLFF, 2014, p. 37-47). “O coração, na antropologia bíblica, controla o corpo, suas expressões faciais (Pr 15,13), sua língua (15,28; 12,23) e todos os seus outros membros (4,23-27; 6,18)” (WALTKE, 2004, p. 90-91).

Segundo o Dicionário Etimológico (2014), o

Coração – do latim *Cordis*> Cor, coração. Esta palavra tem várias conotações. Para os antigos romanos o coração era a sede da coragem. No romantismo o coração guarda a poesia guarda a memória; afinal,

quando aprendo algo de cor, estou a apre(e)nder de coração, como bem nos aponta Derrida ao trazer a expressão inglesa à discussão: *to learn by heart*. De volta a coração. Conforme mencionado o vocábulo é formado a partir do latim (*cor, cordis*). Assim, etimologicamente pode ser apreendido (de cor) como sendo a sede (de conhecimento), o centro da alma, da inteligência e da sensibilidade. A partir disso, podemos pensar que a etimologia de coração está subscrita na famosa frase de Blaise Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”, que sintetiza sua doutrina filosófica: o raciocínio lógico e a emoção. Em indoeuropeu, tem-se a palavra *Kerd-*, coração; em grego, *Kh'r* e *Kardiva* que correspondem apofonicamente ao latim *Cor, Cordis*, daí uma família etimológica portuguesa *concordia, discórdia, misericórdia* - do latim e cardíaco, *cardiopatia*.- do grego. O *K* indo-europeu corresponde ao *h* inglês: *kerd-* > *heart*; está no alemão *Herz*. O francês manteve o elemento latino: *Coeur, écoeurer* (enjoar); *cordial*; *recors* (beleguim, agente da polícia); *miséricorde*; *accorder*. Do latim corrente o francês formou *courage* (< *coraticum*), assimilado por nós na forma *coragem*. O inglês ampliou o seu vocabulário com *accord*; *courage* do francês. Há continuidade deste elemento em italiano (*core, cordiale, concordia, ricordare*) e espanhol (*corazon, cordial, recordar, concordia*).

Segundo o Dicionário Biblioteca Bíblica (2008), o coração é o

órgão corporal vital. No entanto, todas as premissas modernas relativas à circulação do sangue, às funções intelectuais e diretivas do cérebro e do sistema nervoso devem ser postas de lado ao considerar a linguagem fisiológica notavelmente consistente das Escrituras. “Coração” (hebraico *לב (léb)*; grego *καρδία (kardia)*) ocorre aproximadamente 1000 vezes, muitas vezes disfarçado de tradução, e o alcance do significado é imenso.

Segundo Guillaumont (1950, p.65) o coração designa em especial a interioridade do homem,

[...] a palavra coração designa frequentemente a interioridade do homem, por oposição a boca, o lugar das intenções, dos pecados secretos, por exemplo o adultério em pensamento e intenção. Todos esses empregos do nome coração são conforme, é fácil de ver, os usos semitas e bíblico. Essa palavra designa, enfim, a alma mesma.

Para manter a memória contínua da instrução ligada sobre o coração, recomenda-se amarrá-la ao pescoço. Pescoço ou garganta (*gar^egarot*) ocorre também em Pr 1,9; 3,3.22, além do nosso v. 21 (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 143). A recomendação de amarrar sobre o pescoço refere-se a um pingente com função ornamental, mas também com função devocional. A interpretação do amuleto como guia e proteção na vida encontra paralelo no Egito.

No Egito os altos juízes e vizires carregavam Maat em uma corrente sobre seu pescoço, como expressão simbólica de que eles viviam em um caminho exemplar a serviço de Maat, e Maat é chamada ‘o colar’ e ‘a

corrente esplêndida sobre o pescoço do presidente do tribunal' (WALTKE, 2004, p. 188).

Fecha-se assim o sentido da recomendação, em que a instrução paterna e materna deve ser atada ao pescoço, como forma de interiorizá-la continuamente no coração.

Passemos à análise literária do versículo 22:

²²em teu andar (*h/k*), conduzirá a ti;
em teu deitar (*škb*), guardará sobre ti;
e despertarás (*qyš*), ela te sugerirá.

Percebemos no v. 22 que existe a utilização de três hemistíquios (verso dividido em dois), o que quebra o ritmo dual do paralelismo hebraico. O aparato crítico da *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1967) sugere, com relação ao v. 22a, “talvez o hemistíquio seja excedente”. Entretanto, “não há razão suficiente para suprimir um hemistíquio no v. 22, pois os tríticos são usados no livro” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 217).

Os três hemistíquios mencionam três ações que sintetizam a vida humana diária, o andar durante o dia, o deitar para o descanso noturno, e o despertar para recomençar as atividades do dia seguinte. Cada um desses momentos chave é acompanhado pela ação de um sujeito feminino. A ação de conduzir, guiar e sugerir estão no feminino em hebraico, podendo ser traduzidos como “ela te conduzirá”, “ela te guardará” e, no terceiro hemistíquio, o pronome está explícito “ela (*hy*) te sugerirá”. A personagem feminina “ela”, refere-se, de acordo com diversas pesquisas, à própria sabedoria, feminina, com síntese de preceito e instrução (WALTKE, 2004, p. 351). “Sabedoria, que aqui se refere aos princípios parentais internalizados, é descrita em termos sugestivos de personificação” (FOX, 2000, p. 229).

Com efeito, a sabedoria é como uma presença viva, que conduz a pessoa ao caminhar, protege enquanto dorme, e aconselha ao despertar. Conduzir o caminhar é a ação preferida, na Bíblia, para referir-se à ação do pastor que conduz o seu rebanho e o protege dos perigos. Proteger enquanto dorme é a ação de guardar, das ameaças noturnas, para assegurar o sono tranquilo. Aconselhar ao despertar é orientar para os pensamentos e as ações do dia. “Em suma, os três versetos

personificam a sabedoria, que foi internalizada como um superego, um líder, um protetor, e um conselheiro” (WALTKE, 2004, p. 352).

O atual v. 22, assim como o anterior (v. 21) e mesmo o trecho em sua totalidade (v. 20-23) possuem similaridade muito grande com Dt 6,7-8, a oração do “Escuta Israel (*Shemah Israel*”. As ressonâncias textuais são diversas, como a chamada de atenção escuta filho, a instrução para ligar ao braço e amarrar à garganta, a sabedoria conselheira ao caminhar, ao deitar e ao levantar-se. Em conclusão, “é muito provável que o autor de Pr 6 esteja imitando um texto bem conhecido e familiar” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 217-218).

A comparação pode ser conferida diretamente sobre o texto mencionado, de Dt 6,4-9:

Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; E as ensinarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por frontais entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas.

Nosso texto de Provérbios ecoa também a instrução similar de Dt 11,18-21, que repete, em grande parte, os termos do *Shemah Israel*.

Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, e atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por frontais entre os vossos olhos. E ensinais-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te; E escreve-as nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas; Para que se multipliquem os vossos dias e os dias de vossos filhos na terra que o Senhor jurou a vossos pais dar-lhes, como os dias dos céus sobre a terra.

Essa similaridade, que beira a coincidência, indicaria uma mesma tradição sapiencial, no esforço de oferecer indicações para a vida pessoal, familiar e social do povo.

Chegamos à análise crítica-literária do versículo 23:

²³Pois lâmpada é o preceito (*miš^ewah*),
e a instrução (*torah*) [é] luz,
e caminho de vida as exortações da disciplina (*musar*).

Na parte final do v. 23, o termo traduzido como ‘exortações’ (*tôk^ehot*) a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia* (1967) sugere ler com algum manuscrito da Vulgata exortação (*tôkaḥat*). Mas, em vista do paralelismo e do sentido da perícopa, a correção não se faz necessária (WALTKE, 2004, p. 352).

Percebemos que existe uma relação entre a instrução e as repreensões. Ele compara o mandamento e a instrução com a lâmpada e a luz. Ambas servem para romper o poder das trevas, que é destrutivo. Em meio à escuridão, não se enxerga o caminho e não se tem condições de chegar ao destino. Em meio às sombras, não se anda com presteza, se avança com dificuldade e, quando se percebe, já está relegado a um segundo plano.

As repreensões, por sua vez, têm como propósito despertá-lo quando está adormecido e trazê-lo de volta ao caminho da vida quando está se aproximando perigosamente da morte.

“O v. 23 parece recolher os três membros do precedente em outra ordem, já que a lâmpada se usa de noite, enquanto a luz se faz durante o dia” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 217-218). A correspondência proposta pelos autores é a seguinte:

²² caminhar	deitar	despertar
²³ caminho de vida	lâmpada	luz

A imagem da luz como instrução é frequente na literatura sapiencial, especialmente no sentido de iluminar o caminho, como aqui se expressa (MORLA, 2011, p. 57-58). Aqui a instrução é luz, como em Jó 18,6; 29,3; Pr 13,9. Noutros casos, a Lei ou a Palavra de Deus é luz a iluminar o caminho, como em Sl 19,9; 119,105. “Caminho de vida” é expressão frequente em Provérbios: 2,19; 5,6; 10,17; 15,24 (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 218).

No final aparece o sinônimo para instrução ou orientação, traduzido por disciplina, frequente no livro de Provérbios, a palavra hebraica *musar*¹. O termo *musar* envolve diversos sentidos relacionados à disciplina, no contexto sapiencial.

¹*Musar* (disciplina em hebraico) Pr 1,2.3.7.8; 3,11; 4,1.13; 5,12.23; 6,23; 7,22; 8,10.33; 10,17; 12,1; 13,1.18.24; 15,5.10.32.33; 16,22; 19,20.27; 22,15; 23,12.13.23; 24,32. Total 30 X (LISOWSKY, 1993).

É castigo, correção e educação, também advertência, admoestação e exortação (KILP, 1989, p. 118).

A sabedoria é transmitida pela instrução de pai e mãe, como caminho de vida para filho ou discípulo. Essa instrução deve ser assimilada no interior do coração, por meio de estratégias que façam recordar constantemente os seus conselhos. Com tal companhia, o caminho é iluminado e a pessoa não se desvia. Esse roteiro inclui a vida intelectual e a vida afetiva, numa integração completa.

1.4 Uma análise histórica: os conselhos da sabedoria para a resolução de conflitos

Em busca da maneira correta de viver em sociedade, no respeito mútuo, os israelitas, no processo de se organizar como povo, foram desafiados a encontrar um caminho de sabedoria, em perfeita conexão com sua fé.

Como nas demais civilizações antigas, os hebreus estavam impregnados da religiosidade transmitida pela Bíblia, livro sagrado com os fundamentos do judaísmo e que chegou até os tempos atuais. No entanto, significativas diferenças distinguem os hebreus dos demais povos[...]

Outro aspecto do judaísmo é a importância dada a todo ofício, bem como o reconhecimento do valor da educação para o trabalho, o que é atestado pela seguinte citação: “A mesma obrigação tens de ensinar a teu filho um ofício como a de instruí-lo na Lei” (ARANHA, 1996, p. 50).

Existem muitos conflitos e crises nas entrelinhas do texto e no contexto vital de Provérbios 6,20-23. O sistema monárquico provoca conflitos entre família e estado, entre campo e cidade, entre casa e palácio. Inúmeros estudiosos localizam a origem de Provérbios nos ambientes de palácios, portanto na monarquia. Se isso é verdade com relação a escrita e sistematização das coleções de provérbios, não o é com relação a sua composição original:

O conceito de justiça nos Provérbios bíblicos, parte da convicção segundo a qual Deus é justo em sua essência para afirmar o valor de caminhar na justiça, a contradição entre justos e perversos, a retribuição como efeito lógico da relação entre ato e consequência, a importância da justiça para o bom governo (SILVA, 2018, p.12).

Todos os âmbitos da vida e todas as classes sociais são contemplados nas sínteses proverbiais por serem frutos da experiência do cotidiano, fica explícito no versículo 23.

Em busca da maneira correta de viver em sociedade, no respeito mútuo, os israelitas, no processo de se organizar como povo, foram desafiados a encontrar um caminho de sabedoria, em perfeita conexão com sua fé.

Num período em que a vida econômica era sem privilégios, Provérbios 6,20-23 ilustra a realidade cotidiana da vida do mais simples hebreu, do pobre, a partir da observação da sua experiência diária, ao constatar que a vida alterna dias de aflição e dias de felicidade, a depender da disposição interior da pessoa, isso fica claro no versículo 21.

Todos os âmbitos da vida e todas as classes sociais são contemplados nas sínteses proverbiais por serem frutos da experiência do cotidiano, o que fica explícito no versículo 23.

Uma conhecida prece diz com bastante simplicidade: “Dai-me coragem para mudar o que posso, serenidade para aceitar o que não posso mudar e sabedoria para perceber a diferença”. A fala sobre a capacidade de fazer bons julgamentos é valorizada, por isso a busca pela sabedoria. Tradicionalmente, atribui-se a sabedoria aos mais velhos, e o desconhecimento dos jovens, como confirma o pensamento em Provérbios 6,20-23.

O livro de Provérbios se insere no seio da tradição sapiencial judaica. Como em toda literatura sapiencial, a sabedoria tem lugar de destaque nesse livro, sendo por isso impossível ler bem o livro sem atentar para as formas como este a trata. Nele se apresenta a piedade, ou seja, o “temor do Senhor” como a chave para verdadeira sabedoria.

Num período em que a vida econômica era sem privilégios, o provérbio ilustra a realidade da vida do pobre, a partir da observação da sua experiência diária, ao constatar que a vida alterna dias de aflição e dias de felicidade, a depender da disposição interior da pessoa, isso fica claro no versículo 21.

A dinâmica política da época era tribalismo/monarquia, a última se impôs em Israel por influências dos reinos vizinhos, porém o sistema tribal era o ideal para a memória do povo.

Fica evidente que a compreensão das instruções para uma boa disciplina é de cunho religioso, cultural e social, pois a experiência de vida comunitária é fundamentada na tradição dos antepassados, que enxergavam Javé como absoluto e salvador de Israel.

Pensando nesse aspecto e visando uma tessitura entre a educação doméstica contemporânea e o livro de provérbios, especificamente o capítulo citado, ambos têm o intuito de educar ou aconselhar.

Desde os mais antigos retalhos da sabedoria popular, a tradição dos pais é valorizada. Enquanto transmitem a sabedoria dos antigos, esses ditos conservam, efetivamente, a voz da experiência de gerações passadas, podendo conter formulações arcaicas e autoritárias, como a educação no antigo Israel.

Embora permaneça atual em alguns episódios do nosso cotidiano, a sabedoria dos provérbios é muita citada, dada como exemplo, porém muitas vezes, não tem a eficácia desejada para nossa geração. E por que?

Existem muitos fatores que impedem essa aplicabilidade de ensinamentos, principalmente de pais para filhos.

Há centenas de estudos que demonstram que a forma como os pais tratam os filhos — se com rígida disciplina ou empática compreensão, indiferença ou simpatia etc. — tem consequências profundas e duradouras para a vida afetiva da criança. Mas só recentemente surgiram dados concretos que mostram que ter pais emocionalmente inteligentes é em si de enorme proveito para a criança. A maneira como um casal lida com os seus sentimentos — além do trato direto com a criança — passa poderosas lições para seus filhos, que são aprendizes astutos, sintonizados com os mais sutis intercâmbios emocionais na família. (GOLEMAN, 1995, p. 86)

Numa geração marcada por pais sobrecarregados, cada vez mais os filhos são terceirizados pelas famílias com o intuito de uma “boa educação”. Mas o que é terceirização? Terceirizar é colocar a responsabilidade de educar em outras pessoas ou instituições. É claro que a sociedade atual caminha para isso, e os pais que terceirizam não fazem isso de propósito, contudo é necessária uma reflexão no tempo disponível com a família.

Acredito que muitos pais confundem o cuidar com o educar. Cuidar é alimentar, dar banho, escovar os dentes, e até repreender quando necessário (porque os pais não estão presentes). Mas tudo isso é cuidar!

Educar é ensinar os princípios, os direitos e os deveres, é algo que vai além do cuidar, e que só depende de quem é realmente responsável pela criança. Na escola, por exemplo, as crianças aprendem o português, a matemática, entre tantas outras matérias. Mas a educação deve ser levada de casa.

As consequências dos filhos que são terceirizados são inúmeras, pois perdem o referencial, passam a ter comportamentos que têm como único objetivo chamar atenção, num contexto geral, os filhos muitas vezes querem a presença dos pais, e como não conseguem ter, passam a desenvolver reações de agressividade, dificuldades de relacionar-se com a baixa autoestima e, principalmente, não conseguem respeitar limites e figuras de autoridade.

Em uma sociedade como a nossa, em que os alunos passam, desde a mais tenra idade, várias horas de suas vidas na escola (tempo que está sendo ampliado, no Brasil, com a implantação da jornada de tempo integral e a obrigatoriedade do ingresso na escola aos quatro anos), cabe pensar no papel do ambiente escolar na promoção da saúde mental e física dos estudantes. Uma "escola suficientemente boa", com "professores suficientemente bons" (parafraseando Winnicott) é uma alternativa institucional para combater os reveses decorrentes de condições familiares e sociais marcadas por carências afetivas, alimentares, materiais, muitas vezes envolvidas em violências de diferentes tipos e graus. (ABED, 2016, p. 112)

Pensando no contexto atual, percebemos a diferença que há de uma educação patriarcal do antigo Israel com a educação patriarcal contemporânea, a primeira preocupa-se com o fortalecimento das emoções a partir das tradições e conselhos de sabedoria apresentados na literatura sapiencial, a segunda tem uma superproteção que impede os filhos de serem resilientes com situações adversas no cotidiano. Em tempos pós-modernos, sentimos justamente a falta dele: do tempo. Correria, agendas cheias, excesso de estímulos e atividades recaem também sobre o universo infantil, produzindo estresse e ansiedade, que é porta de entrada para a depressão.

2 A SABEDORIA: CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIOLITERÁRIO DE PROVÉRBIOS

A sabedoria bíblico-judaica trabalha com a análise da vida, do valor significativo ao mundo ao redor e da relação com Deus.

Notamos que a literatura sapiencial foi cultivada em todo Oriente Antigo, sendo fundamental destacar a produção literário-cultural na Mesopotâmia (Assíria e Babilônia) e no Egito. Trata-se de uma literatura profana e prática (não teórica), como sucedeu mais com os gregos. Era de caráter prático, a partir da experiência. Era uma arte de bem viver e a sua concretização um sinal de boa educação.

O livro de Provérbios é classificado como um dos livros poéticos da Bíblia - Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cânticos dos Cânticos. E como tal compõe-se de algumas características próprias. Estas coleções de ditos proverbiais se inserem no seio da tradição sapiencial judaica e como em toda literatura sapiencial, a sabedoria tem lugar de destaque nesse livro, sendo por isso impossível ler bem o livro sem atentar para as formas como este a trata.

Para o sucesso de nossa análise de Provérbios 6,20-23 é fundamental que se compreenda os diversos mundos em que este texto está inserido. Ele faz parte de conjunturas histórico-literárias maiores, seja o contexto histórico maior ou ainda sua composição socioliterária dentro do ambiente de vida do texto, o *Sitz im Leben*².

Neste capítulo 2, analisaremos os contextos maiores do livro de Provérbios. O seu contexto socioliterário tem muito a dizer sobre o mundo construído em torno da produção literária, chamada de literatura de sabedoria, sapiencial ou literatura poética.

Lembremos que por volta de 970-678 a.C. encontramos indícios de que esta literatura de sabedoria já tinha ultrapassado os limites da literatura judaica. Os egípcios, por exemplo, começaram a escrever ditos e provérbios quando ainda estavam construindo suas pirâmides (PETERSON, 2011).

² A expressão *Sitz Im Leben*, em alemão, refere-se aos significados vitais do texto, seu ambiente de vida redacional (WEGNER, 1998).

2.1 Provérbios: Socioliterário de sua composição

O livro de Provérbios está inserido dentro de um bloco maior dos escritos sapienciais no Antigo Testamento que, por sua vez, fazem parte de um grande movimento de produção cultural no antigo Oriente Próximo, chamado de literatura de sabedoria, poética ou literatura sapiencial.

Textos similares são encontrados no Egito, na Babilônia e em Ugarit, como expressões desse movimento que ultrapassou todos os limites das fronteiras políticas por um longo período histórico (WALTKE, 2015).

Compreendemos que se pode identificar esta literatura de sabedoria como um grande e longo movimento de produção literária, que ocorreu por boa parte de um longo processo de construção do Antigo Testamento.

Este movimento ultrapassa quaisquer barreiras político-nacionais e se apresenta como uma produção cultural internacional, na medida em que trata da linguagem comum ao ser humano, suas indagações e suas origens, a arte do bem viver, ou seja, as experiências básicas, que dão significado à vida humana (PETERSON, 2011).

Este gênero literário hebraico, chamado de sapiencial, de sabedoria ou poética (WALTKE, 2015), produziu um tipo de reflexão que parte da observação da experiência humana e não de uma reflexão teórico-filosófica. A literatura sapiencial parte do senso popular sobre o sagrado e o profano, da observação do que é humano, de um Deus que se revela na cultura humana, na linguagem.

Com Gottwald (1998) entendemos que esta tradição bíblica judaica de sabedoria consiste de um conjunto de gêneros e formas literárias diversos, em que se destacam o provérbio, a admoestação e a poesia. Seus temas envolvem uma reflexão sobre a arte de viver bem diante dos desafios da existência humana.

Dentro dessa perspectiva, entende-se que esta literatura de sabedoria bíblica possui um estilo de observação e reflexão que visam integrar o ser humano com a ordem percebida do mundo (o cosmos). Assim, a sabedoria hebraica bíblica caminha em direção a uma proposta de estilo ético e de comportamento prático e compreensivo para a vida.

A proposta dessa literatura sapiencial é de aprendizagem e não de impor uma conduta autoritária, coercitiva. Ela valoriza, nessa perspectiva, a consciência individual e uma orientação humanística e didática surge na forma de transmitir seus conhecimento e experiência a seu povo.

Assim, a construção de mundo na literatura de sabedoria é feita de forma ampla, envolvendo aspectos da observação da natureza, das relações sociais, eventos históricos, ordem política, trabalho cotidiano e na experiência da fé religiosa.

Existe uma evolução desta literatura sapiencial-poética dentro da tradição judaica, que se inicia desde o período de estruturação dos clãs e tribos. Em um primeiro momento a tradição oral passada de geração em geração, em princípio pelas mães (Pr 18; 4,1; 31,1), mas tarefa realizada também por iniciados, mestres (Pr 7; Is 9,11).

A análise dos horizontes sócio-históricos da literatura de sabedoria nos leva às proposições a respeito da identidade dos escritores-sábios:

Em uma primeira opinião, eles poderiam ser pais em famílias ou anciãos e conselheiros nos clãs e nas tribos. Na segunda opinião, eles eram funcionários do governo, escribas e possivelmente sacerdotes, os quais conservavam registros do estado, aconselhavam os reis e instruíam futuros funcionários públicos. No terceiro ponto de vista, eram autoridades não-sacerdotais na Lei reunida e venerada de Moisés, que interpretavam o significado e a aplicação em apreço e transmitiam suas habilidades em escolas escribais (GOTTWALD, 1998, p. 526).

Podemos chamar este processo de “escribalismo” (GOTWALD, 1998, p.528) dentro da tradição bíblica. Este processo prosseguiu vivo após o período da monarquia e do período do rei Salomão (1Rs 4, 29-34) e foi avançando até o período do exílio babilônico.

A autoria atribuída a Salomão é uma discussão longa, a qual não nos prenderá longamente. Concordamos com Schökel (2017) que tal atribuição ao famoso monarca israelita pode ter sido uma forma dos redatores-poetas do livro darem impulso a esta produção literária.

Entendemos que não é possível afirmar uma data exata para a composição do livro de Provérbios, tanto por causa de seu caráter anônimo quanto pela

estrutura de unidades minúsculas que foram ajuntadas em um longo período de tempo e que compõem sua estrutura redacional final.

Destacamos que o texto de Provérbios 25,1 traz no seu título “outros provérbios de Salomão recolhidos pelos escreventes de Ezequias, rei de Judá” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2017, p.1250) reforça esta tese da redação final de Provérbios provavelmente no período pós-exílico, durante a dominação persa.

Significativo é a perspectiva de que os escribas-sábios hebreus no pós-exílio babilônico podem ter sido espalhados pelas zonas periféricas das colônias, onde puderam observar todo o sofrimento do povo nestas regiões oprimidas pelos impérios. Assim, reagiram com textos em que puderam expressar suas preocupações éticas e teológicas em seu difícil contexto vivencial (CERESKO, 2004).

Gottwald (1998, p. 526) entende que estes escribas geradores e propagadores do ensino de sabedoria se localizam dentro de três linhas de interpretação sobre a sua localização e de identidade. A primeira coloca os sábios como pais de famílias (ou anciãos) e conselheiros de seus clãs e das tribos. A segunda, afirma que estes sábios eram funcionários do governo, escribas e possíveis sacerdotes, que aconselhavam os monarcas e os aprendizes de funcionários políticos. A terceira linha interpretativa, os coloca como líderes não-sacerdotais na Lei de Moisés, que interpretavam o seu significado e aplicavam o seu conhecimento nas escolas escribais.

Sobre a classe social destes escribas-sábios, autores e redatores de Provérbios, Silva (2018) observa que os provérbios são parte da criação popular de tradição oral. No processo e produção dos provérbios, esta ação dos escribas é bem posterior à tradição oral. O trabalho de composição, de compilação de ditados comuns que circulavam de maneira diversa, foi um processo longo de redação e reinterpretação de textos.

Como algo significativo nesta tese de origem popular, destacamos que diversos provérbios ilustram e valorizam a realidade do pobre, citando seus momentos cotidianos de alegrias e de aflições.

Silva (2018) entende que mesmo que os escribas estivessem de alguma forma próximos às classes mais altas da sociedade hebraica da época, já que a

classe mais baixa era formada por grande parte de iletrados, eles estão ligados à tradição popular, pois estes ditos proverbiais nascem a partir das mais diversas tradições da vida. Transmitidos, inicialmente, de forma oral, circularam por um período longo de tempo e foram constituindo uma cultura e uma literatura popular ligada à vida cotidiana.

Quaisquer que sejam as linhas de entendimento sobre a origem dos sábios, percebemos que a família e a tribo foram esferas de transmissão desta sabedoria. Basta ver a inserção de temas sobre a relação pai/filho, mestre/aluno para perceber as preocupações famílias/tribais inseridas nos textos de provérbios (GOTTWALD, 1998).

Além de preocupações socioreligiosas, estes escribas-sábios mantinham um interesse em conservar a identidade das comunidades espalhadas e rurais diante de opressão dos ricos impérios dominantes em que estavam subordinados. Buscavam uma forma de manter seus laços familiares, tribais identitários.

Muito além do que uma forma dogmática de produção literária religiosa, Provérbios mantém uma notável pluriformidade e flexibilidade das tradições sapienciais (GOTWALD, 1988), utilizam da retórica, dos recursos estilísticos da poesia hebraica (como os ditos, aforismos, antíteses, comparações) para expressar diversas correntes de pensamento que raciocinam sobre a sua realidade, seus valores e sobre a ordem da vida baseada no relacionamento com seu Deus.

2.2 Caminhos da sabedoria em Provérbios

O povo hebreu-israelita no exílio babilônico foi desafiado a encontrar um caminho, um ethos³ cultural de um povo sofrido, que estivesse em conexão com a sua proposta de fé em Yahweh. Esse caminho foi o da sabedoria (SILVA, 2018, p. 7).

Compreendemos através de Silva (2018) que este caminho da sabedoria é uma proposta para o povo hebreu de superar as ambiguidades e paradoxos da vida. Na medida em que os provérbios abrangem diversos aspectos da realidade,

³Ethos na visão de Geertz (2001) é um sistema cultural de valorização de ideias e crenças centrais que funcionam como motivação maior e que desperta intenções características de uma determinada coletividade, época ou região.

eles também ilustram aspectos contraditórios e ambiguidade da condição da vida humana.

Nesta perspectiva, quando os provérbios apresentam personagens-tipo como figuras modelos, eles representam ações conflituosas e, geralmente, aparecem em pares opostos, como o justo/perverso, o diligente/preguiçoso, o rico/pobre. Nestas contradições estão inseridos sentimentos, comportamentos e características psicológicas e paradoxais. Esta situação paradoxal é exemplificada pela posição do filho que pode ou não obedecer aos ensinamentos transmitidos pelo pai e mãe, podendo optar pela rebeldia.

Concordamos com Silva (2018, p. 22) quando ele reconhece que a sabedoria é um conceito central no livro de Provérbios e possui aspectos diversificados. Ela pode tanto ser um manual de sabedoria prática quanto falar de dimensões éticas e suas implicações na vida.

Percebemos duas linhas conceituais distintas sobre a sabedoria, o que denota a existência de dois grupos de sábios-redatores em conflito, em Provérbios. Um primeiro grupo apela para uma resposta religiosa e piedosa em Yahweh, como fonte de confiança e poder, o temor de Deus (Pr 1,7). O segundo grupo defende a confiança na capacidade humana a partir das suas experiências em construir sua vida e fazer escolhas apropriadas (SILVA, 2018).

Para nós existe uma combinação entre estas duas visões sobre a sabedoria em Provérbios, ela é humanista e piedosa. A visão de sabedoria contém uma diversidade de propostas de atitudes de sabedoria. Elas podem ser novas ou velhas (em relação à tradição), erudita ou popular, oral ou escrita (em relação a sua origem), interna à cultura do povo hebreu ou vinda sob influências de outras culturas de povos ao redor.

Dois aspectos deste caminho diverso da sabedoria são significativos para nossa análise. Primeiro, a oposição entre a sabedoria de homem e de mulher que existe nos textos proverbiais do Antigo Testamento. Presumindo que muitas frases e ditos foram escritos por homens e em uma cultura predominante patriarcal, o livro de Provérbios apresenta visões ambíguas sobre a mulher. Uma favorável em determinados textos e outros desfavoráveis.

Além da tradição da sabedoria personificada que exalta o valor da mulher, onde a própria sabedoria é identificada como a figura da mulher (Pr 1,20), podemos observar um papel histórico significativo da mulher:

Um importante papel histórico da mulher como sábia, principalmente em sua função materna no processo de adaptação e socialização da criança. O rei Lamuel (Pr 31,1-9) recebe da mãe as instruções sobre a arte de governar. E vários provérbios atestam a função materna na arte de instruir os filhos (SILVA, 2018, p.38).

Um segundo caminho de oposição que destacamos é a sabedoria de criança/jovem e da pessoa idosa. Mesmo que tradicionalmente as pessoas mais idosas sejam vistas como mais sábias e existam provérbios que falem disto (Pr 16, 31) o contrário aparece na medida em que existam idosos insensatos, como também jovens com posturas sábias (SILVA, 2018).

Mas, sobretudo, o caminho de sabedoria revela uma oposição entre o pobre e o rico. Provérbios possui uma palavra diante da realidade opressora e a vida dos oprimidos, como os reflexos de uma sociedade que vive uma realidade injusta e desigual a partir da estrutura de servos e senhores, por exemplo (SILVA, 2018, p. 34).

Com análise hermenêutica de Waltke (2015) sobre Provérbios aprendemos que existe uma relação entre a definição de 'vida' (*hayyim*) com a proposta de viver em sabedoria:

Com maior frequência a palavra *hayyim*, quando não ressaltada, refere-se à 'vida' que se acrescenta à vida física, aparentemente uma vida abundante de saúde, prosperidade e reconhecimento social (Pr 3,21-22; 4,13; 8,35; 16,15; 21,21 e 22,4). Com exceção de 16,15, essas e outras passagens apresentam a vida como recompensa da sabedoria, prêmio que Provérbios jamais afirma ser maculado pela morte (4,22; 6,23; 10,17; 11,19) (WALTKE, 2015, p. 1012).

Neste sentido, as respostas sobre o porquê se obter sabedoria são esclarecidas: para que se adquira uma qualidade de vida, saúde integral e para se viver bem. Provérbios entende a sabedoria como resultado de um relacionamento com Deus e também um modo de experimentar a vida como um presente divino (WALTKE, 2015).

De forma sintética, podemos dizer que Provérbios trata a vida como tema maior. Sendo que 'vida', neste contexto da sabedoria bíblico-hebraica, pode significar prosperidade e honra (Pr 22,4), ter um bom nome (Pr 10,7), longa

existência (Pr 3,16). O triunfo da ordem e do significado da vida sobre o caos e morte sem sentido aparece como foco (CERESKO, 2004).

Podemos, nesta perspectiva, compreender que esta sabedoria (*hokmá*) ético-espiritual é algo muito amplo. Ela é um caminho de vida e não de morte. Ela é uma dádiva (Pr 2,6), mas alcançada por quem lhe dê um significado valoroso (Pr 3,13) e seja firme nesta decisão de aceitá-la com humildade (Pr 2,1-4; 3,5-8). Logicamente, esta sabedoria não pode ser comprada (Pr 17,16) e por vezes entra em contradição com o que os seres humanos consideram como algo correto (Pr 14,12).

2.3 Família, clã e tribo: esferas do ensino de sabedoria

A transmissão desta sabedoria para a coletividade passa pelas esferas da família, clã e tribo. Mesmo que tenha havido um momento de propagação em torno do rei Salomão (1Rs 4,29-34) e seu círculo governamental, a família e a tribo existem desde períodos muito anteriores ao Estado e sempre propagaram oralmente tais ditos proverbiais.

Por outro lado, a figura de pais, mães e anciãos resistiram mesmo quando as dimensões públicas de poder familiar e tribal ficaram reduzidas e foram fundamentais neste processo de ensino. Diversos tópicos em Provérbios refletem preocupações familiares e tribais. Por exemplo, existem as metáforas de “pai/filho” para tratar o relacionamento entre “mestre/aluno” nos textos (GOTTWALDO, 1998).

Waltke (2015, p. 1009) afirma que a interpretação do prólogo de Provérbios, que se refere ao pai se dirigindo a seu(s) filho(s), lembra os escritos sumerianos nos quais os diretores das escolas de instrução eram chamados de “pai-escola” e os alunos eram chamados de “filhos-escola”. Por outro lado, ele esclarece, em sua abordagem, que “os livros egípcios de sabedoria são dirigidos aos filhos dos autores, nunca a estudantes sem relação de parentesco”.

Percebemos que diversas passagens bíblicas em Provérbios (Pr 4,3; 6,20; 23,24-25; 31,1.26-28) nos mostram que a educação no antigo Israel se dava no contexto da casa, do lar. E o papel significativo das mulheres na educação é destacado:

As referências à mãe como instrutora ao lado do pai durante os anos de formação do filho jovem mostram que ela exercia influência, mesmo após a infância. A mãe do rei Lamuel e a figura da esposa virtuosa também são mencionadas como professoras (31,1-2 e 26-27) (WALTKE, 2015).

A imagem de uma família, ou clã, reunido em um ambiente de educação sendo transmitida aparece em Provérbios 4,1-9, no qual apresenta-se uma família formada por avô, pai, mãe e filho que transmite a sua herança ético-espiritual familiar.

Entendemos que os focos geradores e difusores deste caminho de sabedoria são diversos. Mas o papel da casa (ou tenda, inicialmente na cultura hebraica antiga), o ambiente da família, do clã e da tribo foi fundamental, pois todos os temas relativos ao corpo, à saúde e higiene pessoal, à divisão do trabalho, às relações pessoais de amor e de respeito passam pela estruturação da casa, da família-clã (SILVA, 2018).

2.4 O livro de Provérbios: composição e estrutura

Utilizando a visão de Ceresko (2004) sobre o livro de Provérbios percebemos que toda a complexidade da estrutura e da composição do livro demonstra a grande capacidade dos autores-redatores de impor uma coerência lógica diante da riqueza de materiais e conteúdos apresentados no livro.

Até mesmo a divisão da estrutura maior do livro de Provérbios em sua redação final, que pode ser dividido em dez (10) seções, sendo que sete (7) destas trazem um título, está relacionada a este propósito de impor lógica e planejamento ao texto por parte dos escritores (CERESKO, 2004).

A grande crise de identidade e a questão da sobrevivência do povo hebreu no exílio (neo) babilônico e no pós-exílio, configuram o grande desafio no âmbito da comunidade e a ser trabalhado pelos escritores-sábios neste contexto histórico-social religioso maior. Havia pesados arranjos econômicos que colocavam em risco a sobrevivência do povo hebreu e colocavam incerteza e caos como temas a serem desenvolvidos dentro desta conjuntura vivencial (CERESKO, 2004).

Para Schökel (2017), autor e comentarista da *Bíblia do Peregrino* (2017, p. 1200), Provérbios é uma “coleção de coleções típicas desta literatura sapiencial”.

Para ele, sob o nome genérico de *mashal* redatores apresentam diversos tipos (e subtipos) de avaliação positiva, negativa e de comparação.

O livro possui três eixos principais, estruturas em tipos de oposição, como polos opostos que trazem uma oposição: o sensato/insensato, no plano da sabedoria; o honrado/perverso e o bem-sucedido /fracassado, no plano de exposição ético. (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2017, p.1220)

Diante destas crises pós-exílicas, o livro de Provérbios se apresenta como uma grande resposta libertadora e de caráter pedagógico-formativo. Resposta libertadora na medida em que trabalha a perspectiva de superação através de valores, como a perseverança e a esperança, em oposição ao caos vivenciado.

O livro de Provérbios nos apresenta uma forma libertadora de instruir o povo. Nele, o discípulo aprende a perceber as origens de seu sofrimento e opressão, individualmente ou coletivamente, e a forma correta de reagir.

O livro também destaca as relações pessoais e familiares, na medida em que as imposições econômicas e políticas dos dominadores oprimem sobre a unidade e solidariedade familiar para superá-las.

Gottwald (1998) afirma que a estrutura do livro de Provérbios é de uma antologia de várias centenas de ditos, provérbios e admoestações composta a partir de, pelo menos, seis subcoleções. Tal afirmação é reforçada ao notarmos os diversos títulos em Pr 1,1; 10,1; 22,17; 25,1; 30,1 e 31,1. Entretanto, podemos perceber outras subdivisões por todo o livro, diferentes formas e conteúdos colocam em destaque blocos de capítulos como Pr 10-15; 16-22; 25-27 e 28-29.

De maneira geral, entende-se que as segunda, terceira e quarta subcoleções de Provérbios derivam dos tempos pré-exílicos, pois existem referências à realeza e a uma estrutura funcional de corte. Já as subcoleções primeira, quinta e sexta consideram-se como pós-exílicas.

Como argumento para a origem pós-exílica de Pr 1-9 temos a evidência de sua preocupação temática com as ameaças à família nuclear (o adultério, por exemplo) e à integridade do ser humano diante da perda de identidade.

Os desconhecidos *Agur* e *Lamuel* aparecem como autores das duas últimas subcoleções, possivelmente uma atribuição aos sábios da Arábia do Norte, mas sem unanimidade entre os exegetas de Provérbios (GOTTWALD, 1998).

3. A EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL NA BNCC APLICADA EM PROVÉRBIOS 6,20-23

A tarefa de educar os filhos/as nos caminhos da sabedoria enfrenta seus percalços desde os primórdios da civilização. A sabedoria proposta em Provérbios 6,20-23 aborda diretamente este dilema milenar de repassar o legado de uma geração àquela que se segue. Isso nos faz refletir sobre a importância da família, da escola na educação do século XXI. Pensando neste contexto, faremos uma conexão entre a BNCC, a perícopos estudada e a educação socioemocional.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento elaborado pelo Ministério da Educação (MEC), de caráter normativo, cujo objetivo é nortear os elementos essenciais de aprendizagem que todos os alunos precisam desenvolver ao longo da trajetória escolar.

A BNCC surge com a promulgação da Constituição Federal é promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil que prevê, em seu Artigo 210, a Base Nacional Comum Curricular. Serão fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica com um documento norteador para os conteúdos mínimos a serem ensinados nas escolas, a partir de uma análise aprofundada dos documentos curriculares brasileiros realizada por 116 especialistas indicados por secretarias municipais e estaduais de educação e por universidades.

Surge então a necessidade de manter o mínimo de conteúdos para a educação básica no país, a preocupação é sobretudo de criar sintonia entre as regiões do país, mas tratando também as especificidades e necessidades de cada região.

Sua natureza é nortear a educação básica em todas as áreas do conhecimento, seu objetivo não é engessar e sim garantir uma orientação geral para o ensino na educação básica. Debateu-se em todas as esferas e autarquias da educação tendo a proposta e abertura para a construção em consultas públicas por todo o país.

Começa, então, uma série histórica de eventos nacionais para debater essa proposta em sua completude da educação básica. Inicia-se então uma série de debates e marcos legais, dentre eles os de maior relevância e impacto nas escolas podemos destacar: PCN que são consolidados, em dez (10) volumes, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, apontados como referenciais de qualidade para a educação brasileira, para auxiliar as equipes escolares na execução de seus trabalhos, sobretudo no desenvolvimento do currículo.

A Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014, regulamenta o Plano Nacional de Educação (PNE), com vigência de 10 (dez) anos. O Plano tem 20 metas para a melhoria da qualidade da Educação Básica e 4 (quatro) delas falam sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNC). Importante salientar que com o marco legal uma série de programas de relevância são elaborados até começar a ser desenhado o que no presente formou-se como a BNCC. Desde a promulgação na constituição até a implantação segue uma sistemática de políticas públicas objetivando estabelecer a consolidação da BNCC. Entre 19 e 23 de novembro é realizada a 2ª Conferência Nacional pela Educação (Conae), organizada pelo Fórum Nacional de Educação (FNE) que resultou em um documento sobre as propostas e reflexões para a Educação brasileira e é um importante referencial para o processo de mobilização para a Base Nacional Comum Curricular.

Segue-se, então, uma série de importantes eventos nacionais que se consolidaria no que atualmente temos como o documento oficial, mas antes tivemos um processo de mais de duas décadas, vários governos e suas especificidades, portarias, programas, políticas educacionais, marco legais, e várias iniciativas citadas anteriormente, importante ressaltar a Portaria n. 592, de 17 de junho de 2015, institui Comissão de Especialistas para a Elaboração de Proposta da Base Nacional Comum Curricular.

Assim, dando prosseguimento no que começou na Constituição Federal de 1988, percebe-se que a construção deste documento teve o envolvimento em várias etapas dada a complexidade e necessidade de elaborar um documento que possa nortear a elaboração dos currículos escolares.

Dada a complexidade de implementação da BNCC, tem-se uma agenda nacional para implementar e capacitar os principais agentes de mudança do documento. Em abril de 2017, o MEC entregou a versão final (BNCC) ao Conselho Nacional de Educação (CNE). O CNE irá elaborar parecer e projeto de resolução sobre a BNCC, que serão encaminhados ao MEC. A partir da homologação da BNCC começa o processo de formação e capacitação dos professores e o apoio aos sistemas de Educação estaduais e municipais para a elaboração e adequação dos currículos escolares.

Em 20 de dezembro de 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada pelo ministro da Educação, Mendonça Filho.

A partir de então são mobilizadas diversas ações objetivando o debate e o aprimoramento deste importante documento para a educação básica. Em 02 de agosto de 2018, escolas de todo o Brasil se mobilizaram para discutir e contribuir com a Base Nacional Comum Curricular da etapa do Ensino Médio. Professores, gestores e técnicos da educação criaram comitês de debate e preencheram um formulário on-line, sugerindo melhorias para o documento.

Cabe ressaltar que em 14 de dezembro de 2018, o Ministro da Educação, Rossieli Soares, homologou o documento da BNCC para a etapa do Ensino Médio. Agora, o Brasil tem uma Base com as aprendizagens previstas para toda a Educação Básica e que trata de um documento obrigatório de caráter legal e está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e no Plano Nacional da Educação. Os currículos de todas as redes públicas e particulares devem ter a BNCC como referencial uma vez aprovada e homologada, os Estados e Municípios passarão a ter que adequar à Base os currículos de todas as escolas até 2023.

Como definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996), a BNCC deve ser usada para orientar os currículos e propostas pedagógicas das escolas públicas e privadas do Brasil, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Falar de uma formação integral significa compreender o indivíduo em sua totalidade: cognitivo, social, cultural e emocional. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) evidencia a educação integral como o desenvolvimento global do ser humano no que diz respeito a aprendizagem cognitiva e emocional, ambos ligados intrinsecamente. Caracteriza essa forma de

educar como uma visão plural do sujeito nas suas singularidades e diversidades (BNCC,p.99 2018).

O documento aponta os conhecimentos, habilidades e competências que se espera que sejam desenvolvidos pelos alunos/as. Ele é orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, que visam guiar o ensino brasileiro para uma formação humana integral, construtora de uma sociedade democrática, justa e inclusiva.

A influência da Educação Emocional é tão importante, que foi inserida na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento elaborado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) que norteia e tem um caráter normativo, que explicita os conhecimentos essenciais para todos os estudantes brasileiros.

Por muito tempo, a inteligência cognitiva estava associada unicamente ao sucesso e ao desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas. Com os avanços das pesquisas sobre o assunto, estudiosos descobriram que existe um fator essencial ligado ao comportamento humano que beneficia a conquista dessas demandas: as emoções (BNCC,p.192. 2018).

Muitas pessoas acreditam que as emoções acontecem de forma involuntária e, para alguns, pode até ser que seja assim, no entanto, pode ser diferente. Aliás, é importante que seja. É de fundamental importância sabermos controlar o que sentimos. Trata-se de uma maneira de se autoconhecer e entender o que se passa dentro de si mesmo.

Controlar nossos sentimentos tem tudo a ver com uma competência chamada inteligência emocional, inclusive. Ao desenvolvê-la, é possível administrar o que sentimos e usar essas emoções ao nosso favor.

Segundo Mayer; Salovey e Caruso (2001), a Inteligência Emocional (IE) nada mais é do que “raciocinar com a emoção”. O indivíduo desenvolve habilidades que podem favorecer sua capacidade de gerenciar as emoções, resolver problemas e ser capaz de reconhecer as variações emocionais em si e nos outros. A inteligência emocional e tudo que está relacionado aos seus estudos é sobremodo recente, retrata estudar e fazer distinção entre as interações de emoção e inteligência e o que nos permite entender um conceito possível de complexidade no campo da pesquisa recente. A inteligência emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (MAYER & SALOVEY, 1997, p. 15).

Neste sentido é importante salientar que até mesmo sua definição conceitual é complexa e de acesso incipiente em estudos acadêmicos da atualidade. Percebe-se um campo promissor de pesquisa e aplicabilidade no ambiente escolar.

Dentre as 10 competências gerais da BNCC, seis fazem referências às competências socioemocionais, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, alicerces da construção de uma Cultura de Paz e fundamentos da Educação Emocional e Social aparecem como essenciais entre as competências gerais da BNCC.

As dez competências gerais da Educação Básica são: (1) Estimar e aplicar conhecimentos com relação ao mundo cultural, social, físico e digital no sentido de compreender e justificar a real atualidade, prosseguir conhecendo e cooperando a ponto de formar comunidade baseada em uma democracia, justa e acessível a todos; (2) Utilizar de perspectivas das ciências para estimular o interesse intelectual, com alicerce nos aprendizados de diversas áreas, possibilitando refletir, investigar, fazer análise crítica, desenvolver ideias criativas, criar pressupostos, resolver conflitos e criar soluções; (3) Reconhecer e desenvolver apresentações culturais e artísticas, das mais diversas culturas a fim de possibilitar uma diversidade de criação artístico-cultural; (4) Usar de diferentes linguagens com objetivo de se comunicar por diversos contextos; (5) Entender a cultura digital, construir utilizando de recursos tecnológicos de forma responsável e ética; (6) Estimar e estimular sobre sua individualidade a responsabilidade de planejar seu futuro; (7) Praticar argumentações conscientes baseadas em informações confiáveis a fim de, construir relações empáticas; (8) Entender a prática do autoconhecimento e priorizar o autocuidado, compreendendo a diversidade humana; (9) Desenvolver e praticar cooperação empática, com comunicação saudável, a fim de, formular resolução de conflitos; (10) Estimar e exercer sua autonomia como cidadão com responsabilidade, agir com comportamentos assertivos (BNCC,p.110 e 111, 2018).

Aproximar o ambiente escolar do desenvolvimento de competências socioemocionais cria espaço para um aprendizado mais completo e tem impacto no bem-estar ao longo de toda a vida. Isso porque, nós, seres humanos somos uma espécie muito sociável, e nossas características podem, sim, ser aprimoradas antes e depois do período escolar. É quase um lugar comum dizer que o mundo atual é complexo demais para caber no currículo das escolas, mas o importante, é compreender por que alguns indivíduos conseguem lidar melhor com essa complexidade do que outros. Para dar conta dessa tarefa, as escolas do século XXI precisarão descobrir como inspirar seus alunos enquanto eles aprendem.

Pensar numa educação voltada às emoções, é um grande desafio para a contemporaneidade, é possível ajudar aos estudantes a reconhecerem o que

gostam de estudar, como preferem aprender, o que os faz desistir, em que costumam errar, quais emoções os dominam quando fracassam. Em especial, estimulá-los a descobrir quais são seus sonhos e de que forma persistir em alcançá-los.

Por isso, as mudanças vão exigir que as escolas tenham muita flexibilidade para desenvolver tais competências, fundamentais para trabalhar e conviver nos dias atuais. Por este motivo, saber reconhecer e gerenciar as emoções são fatores essenciais para a sua verdadeira realização na vida e na sociedade.

As pesquisas sobre a Inteligência emocional contribuíram para a visibilidade das questões emocionais do ser humano e sua importância na introdução das habilidades socioemocionais na educação desde a educação básica. Nos resultados de várias pesquisas, concluiu-se que o ser humano pode obter realizações consigo mesmo e com os outros através de habilidades desenvolvidas no controle de suas variações emocionais. Não por acaso, as habilidades socioemocionais encontram-se hoje nos documentos oficiais da educação brasileira como por exemplo, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A busca pela inserção da educação emocional na escola se tornou um requisito importante também para o governo, principalmente porque o investimento nas habilidades socioemocionais não prevê somente melhorias para os aspectos emocionais dos estudantes como também na economia governamental (SOUZA, 2020, p.12).

O grande desafio que temos atualmente é investir nas competências cognitivas/acadêmicas e, também, nas competências socioemocionais. Por isso, visando à nova forma de encarar a sociedade e suas mudanças de comportamentos, é necessário colocar em prática os possíveis destinatários da educação. São os pais? É a escola? Ou a sociedade?

De acordo com Goleman (1999), a Inteligência Emocional é a capacidade que um indivíduo tem de identificar os seus próprios sentimentos e os dos outros, de se motivar e de gerir bem as emoções internas e nos relacionamentos.

A Inteligência Emocional (IE) constitui um campo em expansão que engloba várias áreas de pesquisa. A concepção da IE como uma habilidade foi desenvolvida numa série de artigos na década de 1990 (Mayer, DiPaolo, & Salovey, 1990; Salovey & Mayer, 1990), sendo que a pesquisa inicial visou a aspectos teóricos de delimitação de construto, medição e comprovação empírica, baseados no modelo psicométrico de inteligência (Mayer, Salovey, & Caruso, 2002). Ela foi definida academicamente pela primeira vez

por Salovey e Mayer (1990), como uma subforma de IS que abrangeria a habilidade de monitorar as emoções e sentimentos próprios e dos outros, discriminá-los e utilizar essas informações para orientar pensamentos e ações. Os primeiros estudos empíricos demonstraram a habilidade das pessoas em identificar emoções em cores, rostos e formas (Mayer et al., 1990), além de ter sido investigado a compreensão de emoções de personagens em histórias (MAYER & GEHER, 1996).

Entre 1994 e 1997 procedeu-se o fenômeno da popularização da IE, especialmente quando Daniel Goleman (1996), lançou o livro intitulado "Emotional intelligence", ocasionando a ampliação e a "mudança" da definição da IE (em especial na mídia e literatura popular), que a partir de então passou a incluir aspectos da personalidade. A reação à popularização, por parte dos proponentes da IE (Mayer & Salovey, 1997) foi de questionar expectativas infundadas, além de terem redefinido a IE: A inteligência emocional envolve a capacidade de perceber acuradamente, de avaliar e de expressar emoções; a capacidade de perceber e/ou gerar sentimentos quando eles facilitam o pensamento; a capacidade de compreender a emoção e o conhecimento emocional; e a capacidade de controlar emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. (MAYER & SALOVEY, 1997, p. 15).

Goleman em seus estudos procurou provar que o indivíduo em seu processo de aprendizagem é muito além da cognição. Seus estudos são recentes e no Brasil no campo da pesquisa estão em fase inicial, mas são de extrema relevância.

Goleman (2002, p.336) aponta os benefícios de uma Educação Socioemocional:

os cursos parecem ajudar as crianças a melhor desempenhar seus papéis na vida, tornando-se melhores amigos, alunos, filhos e filhas e no futuro têm mais probabilidade de serem melhores maridos e esposas, trabalhadores e chefes, pais e cidadãos ainda que nem todos consigam obter todas essas competências com igual êxito.

Analisemos o conceito de empatia para melhor compreendermos o papel das habilidades socioemocionais.

A empatia é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento. [...] Essa capacidade — de saber como o outro se sente — entra em jogo em vários aspectos da vida, quer nas práticas comerciais, na administração, no namoro e na paternidade, no sermos piedosos e na ação política. A falta de empatia é também reveladora. Nota-se em criminosos psicopatas, estupradores e molestadores de crianças. As emoções das pessoas raramente são postas em palavras; com muito mais frequência, são expressas sob outras formas. A chave para que possamos entender os sentimentos dos outros está em nossa capacidade de interpretar canais não-verbais: o tom da voz, gestos, expressão facial e outros sinais. (GOLEMAN, 1999, p. 133).

Esta proposta de educação socioemocional pode desenvolver competências e habilidades que contribuam para o diálogo entre perspectivas familiares e seculares de vida, exercitando o respeito, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, alicerces da construção de uma Cultura de Paz e fundamentos da Educação Emocional e Social, aparecem como essenciais entre as competências gerais da BNCC.

Muitas são as questões envolvidas na tarefa de inserir as habilidades socioemocionais como intencionalidade nos currículos escolares. Mesmo que, não seja algo novo, a ideia de construir uma escola voltada ao desenvolvimento integral do ser humano, ainda pode ser considerado algo bastante revolucionário nos dias de hoje.

A busca pela inserção da educação emocional na escola se tornou um requisito importante também para o governo, principalmente porque o investimento nas habilidades socioemocionais não prevê somente melhorias para os aspectos emocionais dos estudantes como também na economia governamental.

Segundo Carvalho e Silva, a implementação dessas habilidades nos currículos escolares também é uma forma política, na qual tomam a infância como alvo para investimento econômico, fazendo com que crianças e jovens se tornem habilidosos, investindo assim, na teoria do capital humano. Aprimorar perfis que se encaixam com uma nova demanda da sociedade: resiliente, autoconfiante, capaz de resolver problemas e trabalhar em grupo é tornar a população menos dependente da tutela do Estado para resolução de problemas (2017, p.180-181).

A importância do trabalho com as habilidades socioemocionais na escola está em promover o diálogo e discussões sobre as emoções. Um momento de expressar as subjetividades e uma forma de professores ficarem atentos aos sinais, “pedido de ajuda” de alunos/as quando as coisas não vão bem na escola ou até mesmo em casa.

A sala de aula não é, e não deve, ser um contexto terapêutico, portanto desenvolver habilidades emocionais na escola não diz respeito a diagnosticar ou tratar o que quer que seja. Refere-se, a resgatar a multiplicidade de aspectos inerentes a qualquer vivência humana. Ao invés de negar a emoção, fazendo de conta que ela foi deixada em casa e deixando que ‘as coisas rolem naturalmente’, que tal estar atento ao universo de sensações, emoções, sentimentos, pensamentos, ações presentes no processo ensino-aprendizagem? Enfim, que tal cuidar de

toda a riqueza dos seres humanos que comparecem à situação de aprendizagem? (ABED, 2016, p.24)

A função da escola vai muito além da transmissão do conhecimento, pois é urgente e necessário fortalecer muitas e variadas competências em nossas crianças e jovens, que lhes possibilitem construir uma vida produtiva e feliz em uma sociedade líquida, marcada pela velocidade das mudanças.

Encorajamento, motivação, empatia, capacidade de trabalhar em equipe e resiliência diante de situações difíceis são algumas das habilidades socioemocionais primordiais na contemporaneidade e no futuro dos nossos alunos e alunas.

Goleman (1999) afirma que, à medida que as crianças crescem, adquirem maturidade em um nível superior de aprendizagem emocional. Acontecem mudanças e as crianças vão transformando a maneira como lidam com as emoções. Aprender sobre empatia é algo que se inicia na infância, com pais em sincronia com os sentimentos de seus filhos.

Embora algumas competências emocionais sejam aprimoradas com os amigos ao longo da vida, pais emocionalmente habilidosos muito podem fazer para auxiliar seus filhos em relação a cada um dos componentes básicos da Inteligência Emocional: identificar, reconhecer, controlar e canalizar os sentimentos; ter empatia e lidar com as emoções que afloram em seus relacionamentos.

A escola precisa estar preparada para oferecer todos esses cuidados aos educandos/as, sem deixar de lado os próprios profissionais que atuam dentro dela, possibilitando assim que docentes, gestores e colaboradores estejam vinculados ao que propõe a instituição de ensino. Para isso, é necessário que todos esses que integram a escola estejam conectados a essa política educacional e ajudem a construir novas possibilidades coletivas para que não haja divergências e não sejam impostas ações individuais.

Alunos, professores, diretores, coordenadores, bibliotecários, merendeiros, familiares... Todos na escola têm emoções e estabelecem vínculos – com os conhecimentos e com as pessoas. Portanto, reinserir as habilidades socioemocionais na proposta pedagógica das escolas é considerar os seres que comparecem à escola em sua integralidade. (ABED, 2016, p.11).

Inserir o desenvolvimento das habilidades socioemocionais no ambiente escolar não implica em dispensar a família, a sociedade, as políticas públicas. É crucial fortalecer toda a sociedade para que cada um possa cumprir o seu papel e colaborar com os demais em suas funções.

Trabalhar as emoções é aprender a lidar com desafios, medos, e desenvolver habilidades para viver e conviver melhor com os outros. Logo, sabemos que somos seres humanos, e as nossas ações dependem da condição emocional do ser e de sua integralidade.

3.1 O ambiente familiar e suas competências emocionais

A família desempenha um papel importante na formação do indivíduo, pois permite e possibilita a constituição de sua essencialidade. É nela que o indivíduo concebe suas raízes e torna-se um ser capaz de elaboração alargador de competências próprias.

Ao desempenhar suas funções, dentre as quais a socialização da criança, a família estabelece uma estrutura mínima de atividades e relações em que os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido, e outros são evidenciados. Todavia, a formação dos vínculos afetivos não é imutável, pelo contrário, ela vai se diferenciando e progredindo mediante as modificações do próprio desenvolvimento da pessoa, as demandas sociais e as transformações sofridas pelo grupo sócio-cultural (Kreppner, 2000). De acordo com este autor, além de se adaptar às mudanças decorrentes do crescimento dos seus membros, a família ainda tem a tarefa de manter o bem estar psicológico de cada um, buscando sempre nova estabilidade nas relações familiares. Neste processo contínuo de busca por estabilidade, as famílias contam ou não com o suporte de uma rede social de apoio, que permite a elas superarem (ou não) as dificuldades decorrentes de transições do desenvolvimento. Independente das que ocorrem no âmbito familiar, elas são produtoras de mudanças que podem funcionar como aspectos propulsores ou inibidores do desenvolvimento, influenciando, direta ou indiretamente, os modos de criação dos filhos. No entanto, a principal rede de apoio da família é oriunda das próprias interações entre seus membros. Contatos negativos, conflitos, rompimentos e insatisfações podem gerar problemas futuros, particularmente nas crianças. (DESSEN & BRAZ, 2000).

Portanto, é a primeira instituição social formadora da criança. Dela depende em grande parte a personalidade do adulto que a criança virá a ser. Para

compreendermos a ponte entre família e o papel da escola, partimos dos primeiros conselhos da literatura sapiencial, na Bíblia Hebraica, que enaltecem os ensinamentos do pai e da mãe:

²⁰Cuida, meu filho, [do] preceito (*mišewah*) [de] teu pai, e não esqueças a instrução (*torah*) [de] tua mãe.

²¹Liga-as sobre teu coração (*leb*) continuamente, amarra-as sobre teu pescoço (*garegarot*):

²²em teu andar (*hlk*), conduzirá a ti; em teu deitar (*škb*), guardará sobre ti; e despertarás (*qyš*), ela te sugerirá.

²³Pois lâmpada é o preceito (*mišewah*), e a instrução (*torah*) [é] luz, e caminho de vida as exortações da disciplina (*musar*).

É notável o fato de a *mišewah* ser a lâmpada e a *torah*, a luz, visto ser a lâmpada o instrumento que irradia luz. Já o termo *musar* define o ensinamento do pai como disciplina.

Partindo dessas premissas, essas passagens abrem uma fenda através da qual observamos a dinâmica da família bíblica no que concerne à educação: o ensino da mãe tem valor transcendental, enquanto o do pai tem caráter pragmático e normativo.

E como está a educação familiar contemporânea? Ainda há traços da educação patriarcal pós-exílio? Os filhos do século XXI têm a obediência e resiliência como os antepassados?

As questões acima nos fazem refletir sobre o conceito de família e obediência que é apresentado a nós pela leitura sapiencial. A educação familiar passou a ser um grande desafio neste século, o excesso de informações que os filhos têm, refletem diretamente em suas ações no cotidiano.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva. Os acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família). Essas vivências integram a experiência coletiva e individual que

organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, estruturando as formas de subjetivação e interação social. E é por meio das interações familiares que se concretizam as transformações nas sociedades que, por sua vez, influenciarão as relações familiares futuras, caracterizando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais, dentre eles a escola, constituem fator preponderante para o desenvolvimento da pessoa (DESSEN, & BRAZ, 2005, p. 65).

Durante a pandemia, o isolamento social foi necessário para o enfrentamento da doença desconhecida e mortal, diante deste fato, a pandemia mudou a rotina das famílias em isolamento.

Trabalho e estudos passaram por adaptações, diante da necessidade de preservar a vida. Ficar em casa e sair somente para atividades profissionais foram às exigências do tempo de ameaças da contaminação pela Covid-19. O “novo normal” tornou-se um desafio para as famílias.

O sentimento de frustração com que muitos pais viveram e vivem nesta situação é compreensível. Mesmo na esperança de colocar ponto final à pandemia, muitas famílias se abalaram nas estruturas afetivas, sociais, econômicas e de bem-estar, expondo fortemente suas fraquezas.

Esse novo paradigma em que a sociedade se encontrou trouxe uma imensidão de sentimentos e angústias.

Ressalta-se, também, que, além desses sentimentos e mistos de incertezas, todos estão enfrentando grandes desafios e mudanças em suas vidas, principalmente em sua rotina, de modo que estão se adaptando e conduzindo a vida da melhor forma possível.

Nestes tempos de pandemia da COVID-19 percebemos que muitas famílias estão passando por problemas socioemocionais. A saúde mental dos membros destas famílias estão afetadas pelo medo do futuro. As crianças estão sofrendo por não poderem ter uma vida “normal” como era antes da pandemia. Muitas delas estão fora das escolas não conseguindo o mínimo de formação necessária na sua faixa etária. Importante: depois que esta pandemia passar as crianças e seus familiares sejam cuidadas e tratadas através de uma boa educação socioemocional.

O objetivo da educação socioemocional é ensinar habilidades para viver e conviver bem, é investir na prevenção da saúde mental por meio do desenvolvimento das habilidades sociemocionais, que ajudam a reconhecer os sentimentos e a lidar com as emoções durante os desafios cotidianos, e que estão ligadas à capacidade de conhecer, conviver e ser.

É através desse elo que cada um aprende a lidar com as mais diferentes situações, se sente parte de um grupo e consegue identificar e expressar as suas emoções. Por isso, é fundamental falarmos sobre a importância do vínculo familiar, que é onde o sujeito constrói suas primeiras relações e se prepara para descobrir o universo e evoluir. A família é o alicerce independente de sua estrutura, e diante de inúmeros estudos e experiências.

Goleman (1995) em seu livro *Inteligência emocional*, afirma que para que uma criança esteja pronta para ir para a escola, é necessário que ela já tenha um conhecimento básico: como aprender, esse adquire no ambiente familiar.

Todos os pequenos intercâmbios entre pais e filhos contêm um tema emocional, e, com a repetição dessas mensagens através dos anos, as crianças formam o núcleo de sua perspectiva e aptidões emocionais. (GOLEMAN, 1995, p. 209)

O trabalho de aprender relaciona sete dos principais ingredientes dessa aptidão fundamental — todos relacionados com a inteligência emocional: confiança, curiosidade, intencionalidade, autocontrole, relacionamento, capacidade de comunicar-se e a cooperatividade. Essa aprendizagem emocional começa nos primeiros momentos da vida e continua durante toda a infância com a finalidade de criar vínculos afetivos com o próximo.

A afetividade proporciona uma relação mais estreita entre as crianças, a família e a escola, sendo o vínculo afetivo o facilitador do processo de aprendizagem, e, além disso, do processo da construção de limites, por isso tanto família quanto escola são peças fundamentais nesse processo de educar as emoções.

A criança desenvolve não somente o cognitivo, mas o ser como um todo, sendo que a capacidade de relacionamento está diretamente ligada ao desenvolvimento emocional responsável pela maturação da confiança, do

autocontrole, da comunicação e da cooperação, imprescindíveis para as vivências em sociedade.

Freire ressalta que:

Uma das tarefas pedagógicas dos pais é deixar óbvio aos filhos que sua participação no processo de tomada de decisão deles não é uma intromissão mas um dever, até, desde que não pretendem assumir a missão de decidir por eles. (...) a posição da mãe ou do pai é a de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de sua autoridade, humildemente, aceita o papel de enorme importância de assessor ou assessora do filho ou filha. Assessor que, embora batendo-se pelo acerto de sua visão das coisas, jamais tenta impor sua vontade ou se abespinha porque seu ponto de vista não foi aceito." (FREIRE, 1996, p. 120).

Portanto, a educação do contexto familiar influencia no desenvolvimento da autoconfiança da criança, formando-a e constituindo-a, enquanto ser humano completo. Os desejos, os anseios e as expectativas familiares que envolvem a criança, promovem bem-estar e equilíbrio quando dosados e colocados à disposição de maneira correta. Todo educador sabe que o apoio da família é crucial no desempenho escolar.

3.2 O ambiente escolar e suas competências emocionais

Compreendemos que é na família que se constituem os alicerces essenciais para viver em sociedade de forma harmoniosa, mas para isso é necessário ter competências emocionais.

Já o ambiente escolar deveria ser um local de alegria e ampliação de vontades e desejos, principalmente do desejo de aprender, pois na escola a criança recebe formação cultural tornando-se membro da sociedade.

A escola como instituição formadora do saber, destina-se ao convívio sociocultural, de interação e aprendizagem. Atualmente para além dessas demandas, depara-se com uma responsabilidade também pela formação de valores familiares, dotada de competências básicas que antes eram determinadas pela família, mas com o avanço da sociedade e a importância de pais e mães trabalharem, tem se tornado mais comum crianças cada vez menores frequentando espaços educacionais. Pensando dessa forma, a escola passa a ter uma responsabilidade cada vez maior com a construção da sociedade, de forma a contribuir com aspectos cognitivos, emocionais, culturais, morais e éticos. A formação integral do aluno/a passa a ser um modelo primordial para um novo projeto de educação

em que é necessário restabelecer a formação do professor-pesquisador, de modo que esse observe seu aluno/a com abordagem qualitativa e possa redefinir o aprendizado cognitivo e emocional (SOUZA, 2020, p.87).

A citação traz dois assuntos importantes, que podem ser comentados separadamente. O primeiro é a nova função da escola, o segundo é a formação de professor-pesquisador para o modelo socioemocional.

Infelizmente, deparamos com muitos fatores que contribuem para uma defasagem escolar e que mostram que as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, geralmente, possuem uma baixa auto-estima em função de seus fracassos e que esses sentimentos podem estar vinculados aos comportamentos de desinteresse por determinadas atividades, tempo de atenção diminuído, falta de concentração e outros. Isso acontece pelo fato de os pais desconhecerem como ocorre a aprendizagem e, portanto, necessitam de orientações específicas a esse respeito.

Segundo Gomes,

Existem diversos fatores que podem interferir negativa ou positivamente no processo de aprendizagem do aluno. Entre eles, destacam-se aspectos ambientais, econômicos, sociais, afetivos, psicológicos, emocionais e familiares. Fatores como condições habitacionais, sanitárias, de higiene e de nutrição também são considerados determinantes para a aprendizagem do aluno na escola e fora dela. São condições fundamentais para que a criança tenha a sua saúde preservada e mantenha as condições físicas e psicológicas necessárias à aprendizagem. Condições habitacionais, como: grande número de filhos, principalmente pela falta de planejamento familiar, interferem na concentração do aluno nas tarefas escolares que leva para casa ou até mesmo em estudar para as avaliações, deixando-o sem condições de executar tais tarefas, muitas vezes pelo barulho que a grande quantidade de pessoas faz, contribuindo para a limitação da sua aprendizagem. Fatores de higiene e nutrição são preponderantes; quando a família é numerosa e as condições financeiras não permitem que essas condições sejam satisfeitas, muitas vezes a criança vai para a escola sem a higiene necessária, o que pode, inclusive, torná-la objeto de discriminação pelos colegas e por funcionários e professores da escola (2018, p 1).

Sabe-se, também, que, muitas vezes, os conflitos familiares afetam no desenvolvimento da criança, havendo, portanto, a necessidade de maior compreensão desse processo, por parte dos profissionais, para que possam intervir de forma mais abrangente diante desta problemática.

Por muito tempo, a inteligência cognitiva estava associada unicamente ao sucesso e ao desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas. Com os

avanços das pesquisas sobre o assunto, estudiosos descobriram que existe um fator essencial ligado ao comportamento humano que beneficia a conquista dessas demandas: as emoções.

Segundo Mayer; Salovey e Caruso (2001), a Inteligência Emocional (IE) nada mais é do que “raciocinar com a emoção”. O indivíduo desenvolve habilidades que podem favorecer sua capacidade de gerenciar as emoções, resolver problemas e ser capaz de reconhecer as variações emocionais em si e nos outros.

O estudo sobre a inteligência inicia na década de 80 com Howard Gardner e sua teoria das Inteligências Múltiplas. De acordo com Bessa, contrariando o tradicional teste de Quociente Intelectual (QI), Gardner afirma não ser possível mensurar a inteligência de um indivíduo baseando-se apenas nos preceitos linguísticos e matemáticos, criando assim 7 tipos de inteligências: inteligência linguística, musical, lógico-matemática, espacial, corporal cinestésica, interpessoal e intrapessoal. Para esse psicólogo do desenvolvimento humano, a inteligência do ser humano diz respeito às habilidades que possuem de resolver problemas e assim constituir-se como sujeito. (BESSA, 2008, 34).

Apesar de serem muitas as definições e correntes, a inserção das competências socioemocionais nas escolas tem sido popularizada nos últimos anos. Isso foi importante para reforçar que a escola não é local apenas de desenvolvimento intelectual, mas também de desenvolvimento humano, nos planos individual e coletivo. As habilidades socioemocionais abriram possibilidades de inclusão curricular, fazendo com que editoras apostassem em material didático, um grande exemplo é o LIV (Laboratório de Inteligência e Vida).

O grande objetivo do LIV(Laboratório Inteligência de Vida), é preparar os alunos para os desafios do século XXI, através de um programa que desenvolve competências socioemocionais. Entender tudo de ciências, matemática e geografia não é mais suficiente nos dias de hoje. O projeto LIV se propõe a investir na relação entre o aluno e a escola, com tudo que ela engloba: aprendizagem, dificuldades, relações de companheirismo, relações de hierarquia e, principalmente, interação com pessoas diferentes, com valores e ideia diferentes (LIV, 2021).

Ele afirma também que isso não quer dizer que as escolas, sozinhas, possam substituir todas as instituições sociais que muitas vezes já estão ou se aproximam do colapso. Mas, como praticamente toda criança vai à escola (pelo menos no início), este é um lugar que pode proporcionar às crianças os

ensinamentos básicos para a vida que talvez elas não recebam nunca em outra parte.

Um grande exemplo foi a pandemia, ela nos trouxe grandes lições, apesar das dificuldades para normalizar o ensino remoto, a escola foi o assunto mais discutido, por um lado as famílias desesperadas por não conseguirem se adaptar às novas modalidades de ensino, remoto ou híbrido, por outro o ambiente escolar vazio, mas com uma incumbência: trabalhar as emoções para o enfrentamento da pandemia.

O compromisso da educação emocional com o indivíduo tem como principal objetivo trabalhar desde a infância com as variações dos sentimentos, saber lidar com as adversidades e a maneira de agir consigo e com o próximo.

Silva e Silva (2018) afirma que o compromisso com as habilidades socioemocionais dentro das escolas torna cada vez melhor o desempenho nos estudos, refletindo emoções positivas, gerando motivação, interesse, colaboração, criatividade e perseverança. Itera ainda que as emoções negativas atrapalham a condução para um bom rendimento escolar além da evasão, absenteísmo, procrastinação e conflito interpessoal.

O isolamento social deixou alguns ensinamentos: a dificuldade e a importância de cada um dar o seu melhor (para o trabalho e para o cuidado das pessoas e do lar) e o conseqüente direito de se desligar.

Também a corresponsabilidade entre homens e mulheres como condição essencial da conciliação (as mães têm sido, também em reclusão, as mais dedicadas ao cuidado) e a vivência de uma intensa convivência familiar que por vezes gerou conflitos, também permitiu relações mais estreitas.

Tais relações exigiram reponsabilidade e empatia, Goleman (1995) afirma que a empatia é uma aptidão social fundamental, ou seja, a compreensão dos sentimentos dos outros e a adoção da perspectiva deles, e o respeito às diferenças no modo como as pessoas encaram as coisas.

Para ele os relacionamentos são um foco importante, incluindo aprender a ser um bom ouvinte e um bom questionador; distinguir entre o que alguém diz ou faz e nossas reações e julgamentos; ser mais assertivo, e não raivoso ou passivo; e

aprender as artes da cooperatividade, solução de conflitos e negociação de compromissos.

Os vínculos afetivos auxiliam no processo de construção de limites dentro da escola e na própria família, e é notório que a aprendizagem está diretamente ligada ao emocional.

De acordo com Freire,

Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. A afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade. (...) A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver. Justa alegria de viver, que assumida plenamente, não permite que me transforme num ser “adocicado” nem tampouco num ser arestoso e amargo. (FREIRE, 1996, p. 159 – 160).

Trabalhar as emoções é o caminho para a sabedoria, pensando na abordagem educativa em Provérbios 6,20-23, na necessidade de criar possibilidades dentro das perspectivas socioemocionais na educação familiar e escolar contemporânea, a educação socioemocional desenvolve habilidades para a vida como o pensamento crítico, e faz com que o indivíduo entenda que é possível ir mais longe com a ajuda de outros e que errar faz parte do processo.

Uma escola como um ambiente onde os alunos/as possam crescer intelectualmente, expor seus pensamentos e conviver em harmonia com o outro é um local de valorização da educação, do cuidado, da solidariedade e da responsabilidade. A privação de uma educação de qualidade é o meio de responsabilizar uma sociedade violenta e desigual.

Para Libâneo (1990, p.116), “o ambiente escolar, assim, pode concorrer para suscitar o amor pela escola, a dedicação aos estudos, com reflexos sensíveis no aproveitamento escolar dos alunos.” Ou seja, a importância que o ambiente escolar proporciona ao comportamento positivo do/a estudante depende de seu aspecto agradável e acolhimento. Ele afirma também que os professores são profissionais essenciais na construção dessa nova escola. Entendendo que a democratização do ensino passa pela sua formação, sua valorização profissional, suas condições de

trabalho, pesquisas e experiências inovadoras têm apontado para a importância do investimento no desenvolvimento profissional dos professores.

O desenvolvimento profissional envolve formação inicial e contínua articuladas a um processo de valorização identitária e profissional dos professores. Identidade que é epistemológica, ou seja, que reconhece a docência como um campo de conhecimentos específicos configurados em quatro grandes conjuntos, a saber: conteúdos das diversas áreas do saber e do ensino, ou seja, das ciências humanas e naturais, da cultura e das artes; conteúdos didático-pedagógicos (diretamente relacionados ao campo da prática profissional); conteúdos relacionados a saberes pedagógicos mais amplos (do campo teórico da prática educacional) e conteúdos ligados à explicitação do sentido da existência humana (individual, sensibilidade pessoal e social).

E identidade que é profissional. Ou seja, a docência constituiu um campo específico de intervenção profissional na prática social – não é qualquer um que pode ser professor.

Quanto à descaracterização profissional do pedagogo, subsumido ao "professor", sua formação passa a ser dominada pelos estudos disciplinares das áreas das metodologias. Estas, ao voltarem seus estudos diretamente à sala de aula, espaço fundamental da docência, ignoram os determinantes institucionais, históricos e sociais (objeto de estudo da pedagogia). Desse modo, a pedagogia, ciência que tem a prática social da educação como objeto de investigação e de exercício profissional no qual se inclui a docência, embora nele se incluam outras atividades de educar não tem sido tematizada nos cursos de formação de pedagogos (PIMENTA, 1998, p.6).

Não se faz ou pratica educação isoladamente. O trabalho solitário torna as tarefas entediadas e complexas. Educar é dever de todos os setores da sociedade e não somente da escola. Claro que cada um vai contribuir com as suas áreas de competências e a soma de todos os esforços terá como resultado a real aprendizagem visando às habilidades do educando numa proposta integral.

Na sociedade contemporânea, as rápidas transformações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico configurando a sociedade virtual e os meios de informação e comunicação incidem com bastante força na escola, aumentando os desafios para torná-la uma conquista democrática efetiva.

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se dos processos de formação que desenvolvam conhecimentos e habilidades, competências, atitudes e valores que possibilitem aos professores ir construindo seus saberes-fazer docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano.

Espera-se, pois, que mobilizem os conhecimentos da teoria da educação e do ensino, das áreas do conhecimento necessárias à compreensão do ensino como realidade social, e que desenvolvam neles a capacidade de investigar a própria atividade (a experiência) para, a partir dela, constituírem e transformarem os seus saberes-fazer docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores (LIBÂNEO;PIMENTA, 1999).

O objetivo de uma proposta de educação integral permite que a escola ofereça ao aluno uma memória favorável de seu percurso escolar, sem traumas e com aprendizados não só cognitivos como também das relações sociais afetivas.

Segundo Gomes (2018, p. 516)

A ênfase na unidade afetivo-cognitiva como princípio pedagógico coloca à educação escolar a tarefa de promover vivências positivas com o conhecimento, de forma a motivar o desejo de conhecer, de se apropriar dos objetos e das formas de relação com as pessoas e de se expressar.

Sobre a importância da educação emocional para o ensino aprendido, cabe aos educadores definirem como relevante; essencial; fundamental para promover autonomia, aprendizado social, tornando alunos cada vez mais críticos e interativos, capazes de superarem as situações adversas em seus caminhos.

CONCLUSÃO

A importância da interpretação reside em compreender o texto da Bíblia e sua experiência com mais precisão. A interpretação bíblica desperta a consciência crítica dos textos bíblicos. Ela é a luz de interpretação e análise das escrituras sagradas.

O livro de Provérbios faz parte da tradição judaica de sabedoria. Como todas as obras literárias de sabedoria, a sabedoria ocupa um lugar de destaque neste livro. Se você não prestar atenção à maneira como ele a trata, não poderá ler este livro bem. Nele, se propõe que a piedade, que "temer ao Senhor" é a chave para obter a verdadeira sabedoria.

A sabedoria (*hokmah*) é muito ampla. Ela é um modo de vida, não um modo de morte. É um presente (Pr 2,6), mas cabe àqueles que lhe dão um significado valioso (Pr 3,13) e tomam a firme decisão de aceitá-la humildemente (Pr 2,1-4; 3,5-8). Falando logicamente, esse tipo de sabedoria não pode ser comprada (Pr 17,16), e às vezes contradiz o que os humanos acreditam ser correto (Pr 14,12).

O caminho para a sabedoria é trabalhar as emoções. Em Provérbios 6,20-23 constatamos que há uma necessidade de criar possibilidades dentro das perspectivas socioemocionais na educação familiar e escolar contemporânea.

Diante dos pressupostos teóricos apresentados, compreende-se que a Educação socioemocional é um processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida, podendo ser encarada como uma forma de prevenção, uma vez que previne ou minimiza a vulnerabilidade em face de contextos adversos na vida dos indivíduos.

É possível ressaltar ainda a importância da prática das competências socioemocionais frente aos obstáculos do século XXI, ao qual transmitem inúmeras problemáticas ligadas principalmente a histórica fragilidade das políticas públicas educacionais brasileiras, enfatizando assim, o quão fundamental é fomentar nos alunos uma formação que integra a prática dos conhecimentos cognitivos, assim como do desenvolvimento de habilidades sociais e afetivas, aprendidas e apreendidas nas Competências socioemocionais inseridas na BNCC.

Portanto, identificou-se uma preocupação característica deste século, que embora cheio de conceitos da globalização e da tecnologia, conduz diante as novas diretrizes e currículos educacionais uma ideia atualizada sobre o ser escola, sob a perspectiva da razão instrucional referida aos clãs patriarcais em Provérbios 6,20-23 e centrada no desenvolvimento de habilidades capazes de preparar os discentes em competências afetivas, sociais e preocupados com o emocional, contribuindo para a construção de indivíduos mais empáticos, respeitosos, espiritualistas e autônomos.

REFERÊNCIAS

ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 23 de junho de 2021.

ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.

ALONSO SCHÖKEL, Luis; VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sapienciales I. Proverbios*. Madrid: Cristiandad, 1984.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1996.

BERGER, Klaus. *Hermenêutica do Novo Testamento*. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

BESSA, Valéria da Hora. *Teorias da aprendizagem*. IESD Brasil S.A. Curitiba, 2008.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova Edição Revista e Ampliada. 8. imp. São Paulo: Paulus, 2012.

BÍBLIA DO PEREGRINO, São Paulo, Loyola, 2017.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. K. Elliger et W. Rudolph (Ed.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967.

BRASIL, Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em 27 março 2020.

BNCC na prática/Equipe educacional da Editora-1.ed.-São Paulo:FTD,2018.

CARVALHO, Rodrigo Saballa de; SILVA, Roberto Rafael Dias da. Currículos socioemocionais, habilidades do século XXI e o investimento econômico na educação: as novas políticas curriculares em exame. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 63, p. 173- 190, mar. 2017. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602017000100173&lng=pt&nrm=iso. Acessos em 24 de junho 2021.

CERESKO, Antony R. *A sabedoria no Antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. Tradução: Adail Ubirajara Sobral/ Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004.

CEPAL. Comissão Econômica para a América Latina e Caribe. <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte>. Acesso: 11 de ago de 2021.

DESSEN, M. A., & BRAZ, M. P. As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Orgs.), *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 132-151). Porto Alegre: Artmed Editora S.A., 2005.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUES. Disponível: <https://www.dicio.com.br/exegese/>. Acesso: 27 de julho de 2021.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. Disponível: <https://dmorfo.sites.unifesp.br/images/doc/Grad/2017/Histologia/Dicionario%20etimol%C3%B3gico.pdf>. Acesso: 27 de julho de 2021.

DICIONÁRIO BIBLIOTECA BÍBLICA. Disponível: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2017/11/coracao-significado-em-grego-e-hebraico.html>. Acesso: 27 de julho de 2021.

FERREIRA, Joel Antônio. Tempos de transformações: a teoria dos conflitos. In: FERREIRA, Joel Antônio. *Paulo, Jesus e os marginalizados: leitura conflitual do Novo Testamento*. Goiânia: Ed. da UCG, Ed. América, 2009.

FOX, Michael V. *Proverbs 1-9*. London: Yale, 2000. (The Anchor Bible, 18A).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio: Zahar, 2001.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional – a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. São Paulo: Editora Objetiva, 1995.

GOLEMAN, Daniel. *Trabalhando com a inteligência emocional*. São Paulo: Editora Objetiva, 1999.

GOMES, Manoel Messias. Fatores que facilitam e dificultam a aprendizagem. Educação Pública. Disponível: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/18/14/fatores-que-facilitam-e-dificultam-a-aprendizagem> 2018. Acesso: 11 de ago de 2021

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. 3ª. Ed. Tradução: Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 1998.

GRONDIN, Jean. *Hermenêutica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GUILLAUMONT, Antoine. Le sens des noms du coeur dans l'Antiquité. In: AA. VV., *Le Cœur: Études Carmelitaines*. Paris: Desclée de Brouwer, 1950.

KAISER JR, Walter C.; SILVA, Moisés. *Introdução à hermenêutica bíblica*. Tradução de Paulo César Nunes dos Santos, Tarcízio José Freitas de Carvalho e Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 1989.

LARA, Valter Luiz. *A Bíblia e o desafio da interpretação sociológica*. São Paulo: Paulus, 2009.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

LIBÂNEO, José Carlos e PIMENTA, Selma Garrido. Formação de profissionais da educação: visão crítica e perspectiva de mudança. *Educação & Sociedade* [online] 1999, v. 20, n. 68. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301999000300013>. Acessado: 19 de Out 2021.

LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

LIV. Laboratório Inteligência de Vida. Disponível: <https://www.inteligenciadevida.com.br/> Acessado: 15 de ago de 2021

MAYER, J. D., CARUSO, D. R., & SALOVEY, P.. *Emotional intelligence meets traditional standarts for an intelligence*. *Intelligence*, 27, 267-298, 2000.

MAYER, J. D., DiPaolo, M. T., & Salovey, P. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: *A component of emotional intelligence*. *Journal of Personality Assessment* 54,1990.

MAYER, J. D., & GEHER, G. *Emotional Intelligence and the identification of emotion*. *Intelligence*, 1996.

MAYER, J. D., & SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In P. Salovey & D. Sluyter (Eds.), *Emotional development and emotional intelligence: Implications for educators* (pp. 3-31). New York: Basic Books, 1997.

MAYER, J. D., SALOVEY, P., & CARUSO, D. R. Models of emotional intelligence. In R. J. Sternberg (Ed.), *Handbook of intelligence* (pp. 396-420). New York: Cambridge University Press, 2000.

MAYER, J. D., SALOVEY, P., & CARUSO, D. R. *Emotional Intelligence Test (MSCEIT) user's manual*. Toronto, Canada: MHS, 2002.

MAYER, J. D., SALOVEY, P., & CARUSO, D. R. *A further consideration of the issues of emotional intelligence* Psychological Inquiry, 15, 2004a.

MAYER, J. D., SALOVEY, P., & CARUSO, D. R. *Emotional intelligence: Theory, findings, and implications*. Psychological Inquiry, 15(3), 2004b.

MAYER, J. D., SALOVEY, P., CARUSO, D. R., & Sitarenios, G. Emotional intelligence as a standard intelligence. *Emotion*, 1, 2001.

MORLA, Víctor. *Proverbios*. Bilbao: Desclée De Brouwer. (Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén), 2011.

PERDUE, Leo G. *Proverbi*. Torino: Claudiana, 2011.

PETERSON, Eugene H. *A Mensagem: Bíblia em linguagem Contemporânea*. São Paulo: Editora Vida, 2011.

PIMENTA, Selma G. *O pedagogo na escola pública*. São Paulo: Loyola, 1988.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermenêutica*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis: Vozes, 2012.

SILVA, Marcio Moreira da; SILVA, Adriana Maria Simião da. Inteligência emocional e sua aplicação no contexto educacional. *Luminar Rev Ciên. e Human.* – Universidade Regional do Cariri – URCA. Vol 1, N 2, 2018.

SILVA, Sandro Pontes. *Sabedoria para aprender e ensinar: estudo no livro de Provérbios sobre os conceitos de educação dos filhos*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: PUC Goiás, 2013.

SILVA, Valmor da. *O caminho da justiça na sabedoria dos provérbios*. São Paulo: Paulus, 2018.

SILVA, Valmor da. Sabedoria em Provérbios: As várias faces da realidade. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 100, 2008.

SILVA, Valmor da. Meu filho, minha instrução não esqueças. In: Élio Estanislau Gasda. (Org.). *Sobre a Palavra de Deus: Hermenêutica bíblica e Teologia Fundamental*. Petrópolis/Goiânia: Vozes/PUC Goiás, 2012.

SILVA, Valmor da. Bater ou não bater nas crianças? Análise a partir dos Provérbios bíblicos. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (online), 2020.

SOUZA, Lanúbia Karlla Oliveira Vale de. Concepções de educação emocional e a coordenação pedagógica. *Revista Caparaó* v. 2, n.2, e25, 2020.

WALTKE, Bruce K. *The Book of Proverbs: Chapters* Grand Rapids: Eerdmans, 2004.

WALTKE, Bruce K. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução: Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*. 5ª. ed. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1998.

WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2014.